



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA**

**WARLEN BARBOSA CELEDONIO**

**MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE UMA PROFESSORA: ENTRELACANDO**  
**EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE PARANÃ-TO**

**Arraias/TO**  
**2020**

WARLEN BARBOSA CELEDONIO

**MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE UMA PROFESSORA: ENTRELAÇANDO  
EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE PARANÁ-TO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Silva Soares

**Arraias/TO  
2020**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

C392m Celedonio, Warlen Barbosa.  
MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE UMA PROFESSORA:  
ENTRELAÇANDO EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE  
PARANÁ-TO. / Warlen Barbosa Celedonio. – Arraias, TO, 2020.  
72 f.  
  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2020.  
Orientador: Dr. Sebastião Silva Soares  
  
1. História de Vidas. 2. Formação de Professores. 3. Saberes Docentes. 4.  
Desenvolvimento Educacional. I. Título

**CDD 370.91734**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

WARLEN BARBOSA CELEDONIO

**MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE UMA PROFESSORA: ENTRELAÇANDO  
EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE PARANÁ-TO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Defendida e aprovada em: 30 de 01 de 2020

Banca examinadora formada pelos professores:

*Sebastião Silva Soares*

Professor Dr. Sebastião Silva Soares – Presidente (Orientador)  
Universidade Federal do Tocantins

*Aparecida de Jesus Soares Pereira*

Professora Me. Aparecida de Jesus Soares Pereira – Membro Efetivo  
Universidade Federal do Tocantins

*Cássyo Lima Santos*

Professor Me. Cassyo Lima Santos – Membro Efetivo  
Universidade Federal do Tocantins

Professora Me. Eliana Gonçalves da Silva Fonseca – Membro Suplente  
Universidade Federal do Tocantins

## **AGRADECIMENTOS**

A elaboração deste trabalho não teria ocorrido sem a permissão de Deus e a colaboração de diversas pessoas que ao longo da minha trajetória contribuíram direta e indiretamente para que esta “missão” fosse concluída, por este fato gostaria, de manifestar meus sinceros agradecimentos primeiramente a Deus e a todos os demais que me ajudaram nesta caminhada em nome de duas pessoas que foram fundamentais no processo.

A primeira pessoa que agradeço é o meu orientador, Prof. Dr. Sebastião Silva Soares, profissional docente, o qual eu já admirava pelo intelecto, humanismo e disponibilidade como professor, mas de quem me tornei ainda mais admirador depois de ter sido agraciado com sua orientação no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Pondero que não há gratidão que baste, pois, sua orientação, conselhos e cordialidade com que sempre me auferiu, foi decisiva para que esse trabalho cooperasse para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. Como professor e orientador, ele foi o expoente máximo, foi quem me abriu horizontes e me ensinou a pensar, de forma a solidificar saberes como futuro docente na área da educação pelas artes.

A segunda e não menos importante pessoa que agradeço é a minha esposa, Giselia Cristina, que não só me apoiou com palavras, mas que mostrou esse apoio em atitudes, me acompanhando nas reflexões e nas leituras, me encorajando quando o desânimo surgia. Assim ela também é digna de todo meu reconhecimento e gratidão na elaboração desta pesquisa. No mais, agradeço a todos os familiares, amigos, professores e colegas por me ajudarem a alcançar este objetivo da trajetória acadêmica.

Obrigado!

*[...] Não é certo então, que para lembrar-se, seja necessário se transportar em pensamento para fora do espaço, pois pelo contrário é somente a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, dá-nos a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente; mas é assim que podemos definir a memória; e o espaço só é suficientemente estável para poder durar sem envelhecer, nem perder nenhuma de suas partes (HALBWACHS, 1990, p. 160).*

## RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo compreender como a história de vida da professora Floracy é articulada com o desenvolvimento educacional do município de Paranã –TO. Para tanto, seguiu-se os seguintes objetivos específicos: contextualização do município de Paranã – TO; traçar uma (auto)biografia sobre a professora nos âmbitos: pessoal, familiar e profissional; analisar os significados que a professora atribui sobre sua participação na história do sistema educacional do município; analisar a história de vida e profissional da professora, bem como a sua contribuição no desenvolvimento educacional do município de Paranã – TO. O trabalho foi baseado no ponto de vista da história de vida de cunho (auto)biográfico, com base nas ideias de Bosi (1994), Moita (2007), Huberman (2007), Fontoura (2007), Nóvoa (2007), Santos (2004), Saviani (2009), Soares (2019), dentre outros autores. Para isso, adotou-se no percurso metodológico do trabalho, a pesquisa de natureza qualitativa, por meio da técnica da análise documental, da pesquisa bibliográfica e da entrevista narrativa com a professora pesquisada. Pelos dados produzidos, foi possível analisar que a história de vida da professora é articulada com o desenvolvimento do município pesquisado, a partir do seu engajamento social e político em defesa do ensino público na região, seja no cargo de professora, seja na sua função de gestora municipal. Desse modo, no exercício de reviver e registrar a história de vida da professora, a intenção do trabalho não foi traçar uma linha do tempo com todos os elementos do seu itinerário de vida e profissional, mas estabelecer novos significados sobre a vida da colaboradora, consequentemente, sua trajetória como docente no contexto da educação básica.

**Palavras-chave:** História de vida. Professora. Trajetórias formativas. Desenvolvimento educacional.

## ABSTRACT

The present work aimed to understand how the life story of Professor Floracy is articulated with the educational development of the municipality of Paranã - TO. To this end, the following specific objectives were followed: contextualization of the municipality of Paranã - TO; trace a (auto) biography about the teacher in the following areas: personal, family and professional; analyze the meanings that the teacher attributes to her participation in the history of the municipality's educational system; to analyze the teacher's life and professional history, as well as her contribution to the educational development of the municipality of Paranã - TO. The study was based on the perspective of a (auto) biographical life story, based on the ideas of Bosi (1994), Moita (2007), Huberman (2007), Fontoura (2007), Nóvoa (2007), Santos (2004), Saviani (2009), Soares (2019), among other authors. For this, qualitative research was adopted in the methodological path of the work, through the technique of document analysis, bibliographic research and narrative interview with the researched teacher. Based on the data produced, it was possible to analyze that the teacher's life story is articulated with the development of the researched municipality, based on her social and political engagement in defense of public education in the region, whether in the position of teacher, or in her role as municipal manager. Thus, in the exercise of reliving and recording the teacher's life story, the intention of the work was not to draw a timeline with all the elements of her life and professional itinerary, but to establish new meanings about the collaborator's life, consequently, his trajectory as a teacher in the context of basic education.

**Keywords:** Life's history. Teacher. Formative trajectories. Development educational.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Vista aérea da cidade de Paranã.....	32
Figura 2 – Sarau Literário do Colégio Desembargador.....	70

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

BEG – Banco do Estado de Goiás

CEFAMs – Centros de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

FAB – Força Aérea Brasileira

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PPP – Projeto Político Pedagógico

SUCAM – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFT – Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: TECENDO MEMÓRIAS COM O TEMA DA PESQUISA .....	12
REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
A VIDA DOS PROFESSORES NO CENÁRIO EDUCACIONAL.....	24
IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE.....	25
OS SABERES DOCENTES.....	27
História de vida, memória e identidade social.....	29
METODOLOGIA DA PESQUISA.....	33
PROCEDIMENTOS INSTRUMENTAIS DO ESTUDO.....	35
MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DA PROFESSORA FLORACY .....	38
ANÁLISE E DISCUSSÃO DA NARRATIVA .....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	66
REFERÊNCIAS .....	67
APÊNDICE A .....	69
APÊNDICE B.....	70
APÊNDICE C.....	72

## **INTRODUÇÃO: tecendo memórias com o tema da pesquisa**

O presente trabalho tem por objetivo analisar a história de vida de uma professora e a sua articulação com o desenvolvimento educacional de Paranã–TO. Todavia, antes de dissertar sobre a história de vida dessa memorável docente, quero iniciar esta narrativa de pesquisa com minha história de vida, escrita na primeira pessoa do singular<sup>1</sup>, relatando alguns antecedentes que a marcaram e me direcionaram para investigar o tema proposto.

Sou Goiano, nascido no dia 31 de maio de 1983, em Porangatu–TO, uma cidade agradável e tranquila, localizada no norte do estado de Goiás, onde vivi minha infância até quatorze anos de idade, com meus pais Emival e Maria, além de minhas duas irmãs, Sara e Simara. Ao relembrar esse período da minha vida, sinto saudades de um tempo em que a maior dor que sentia foi de alguns ralados pelo corpo regados a vinagre, sal e coentro, que “carinhosamente” minha mãe preparava e tratava meus ferimentos quando voltava das brincadeiras com meus companheiros Charles e Melkizedeque.

Em relação a minha formação escolar, no primeiro ano do ensino fundamental estudei junto com Charles e Melke, numa Escola Adventista, durante esse período, lembro-me que Charles que era mais forte do que eu, logo me defendia das confusões que ocorreriam na instituição com os outros alunos. No entanto, no ano seguinte ficou somente eu e Melke, matriculados na Escola Estadual Dona Gercina Borges Teixeira. Nessa época, recordo-me que fui muito tímido e por esse motivo meus colegas realizam piadas comigo, fato que muitas vezes terminava em confusão conforme o relato anterior.

A terceira escola que frequentei ainda nas séries iniciais (hoje anos) do Ensino Fundamental foi a Escola Politécnica, localizada na quadra da frente de nossa casa, localização que facilitou minhas fugas das brigas, pois eu corria, pulava o muro dos fundos da escola e já caía no quintal da casa do meu amigo Melke e depois na minha casa. Porém, um dia cansei de correr dos meninos, e mesmo sabendo que os colegas estavam esperando lá fora para brigar, decidi não fugir pelos fundos e sair pelo portão da frente, mas lembrei-me da norma dos meus pais: “se batesse, apanharia chegando em casa e se apanhasse, ficaria apanhado duas vezes”, porque ao chegar em casa a “taca” era certa.

Concluindo a primeira fase do Ensino Fundamental, novamente mudei de escola, e fui estudar no Colégio Estadual Waldemar Lopes do Amaral, que ficava longe da minha residência, foi incrível meu período estudando ali. Eu gostava muito de estudar lá, era

---

<sup>1</sup> No desenvolvimento do texto usaremos a 1ª pessoa do plural buscando valorizar as outras vozes que tecem a construção deste estudo.

novidade. Os alunos das outras séries já eram maiores, pois na instituição tinham os anos do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Estava tudo muito bem, feliz na nova escola, já não tinha mais os colegas briguentos me importunando. No entanto, certo dia o meu pai foi embora de casa, e ficamos sozinhos apenas com nossa mãe.

A minha mãe, uma dona de casa dedicada, mas, nunca tinha sido independente financeiramente, pois meu pai que provinha o sustento da casa. Com isso, com quatorze anos, comecei dividir minha jornada diária entre estudar e trabalhar meio período como entregador em um supermercado para ajudar no sustento. Como a situação ficou mais grave em casa, no ano de 1998 minha mãe mudou para Goiânia-GO, para trabalhar como doméstica. Nessa conjuntura, meus pais decidiram que eu iria morar com meu pai e minha madrasta também em Goiânia, para trabalhar com ele, ficando minhas duas irmãs com minha mãe.

Na época, possuía quinze anos de idade e cursava a oitava série (hoje nono ano). Ao chegar à cidade de Goiânia, minha jornada ficou ainda mais dura, pois durante o dia eu trabalhava como ajudante de pedreiro (lembro-me de que na época, recebia o valor equivalente a meia diária de um ajudante de mestre de obras). Durante a noite eu estudava, mas aprender já era muito difícil para mim, pois o cansaço físico não permitia avançar no aprender. Por diversas vezes, iniciei o ano letivo escolar e não conseguia concluir, pois além do cansaço do trabalho, havia o cansaço da locomoção. Isso porque eu trabalhava longe de casa e no percurso de casa ao trabalho, posso afirmar que gastava quase uma hora e meia de bicicleta, fato que contribuía para inviabilizar minha permanência na escola.

Nesse percurso, meu rendimento escolar não era bom, digo de passagem que foi mais um daqueles alunos que ajuda aumentar os índices de evasão escolar, me matriculava, mas, não conseguia concluir o ano letivo. Todavia, no campo da construção civil eu me destacava, por minha dedicação e empenho, já tinha aprendido o ofício de pedreiro e aos dezoito anos, já “tomava conta das turmas” para o meu pai, como encarregado de obras.

Assim, mesmo com toda dificuldade de articular trabalho e escola, consegui concluir o primeiro ano do Ensino Médio no ano de 2000, período que desisti novamente e dediquei trabalhar com meu pai na parte de obras. Nesse momento, estava realizado profissionalmente, mas sonhava em um dia concluir o Ensino Médio e cursar o Ensino Superior, porém, todo esse sonho parecia uma ficção para um jovem encarregado de obras que tinha que “atravessar Goiânia” para trabalhar, voltando para casa somente a noite, além de algumas vezes ter que passar até meses trabalhando em cidades do interior.

Nesse tecer de vivências, posso afirmar também que minha vida até o presente momento foi dividida em fases: sub-quatorze, pós-quatorze e sub-vinte e cinco, e pós-vinte e

cinco. Sendo assim, a partir desse momento, desse memorial, abro um parêntese sobre o papel da escola e da família na minha educação escolar, e mesmo que a realidade dói, não consigo fazer essa reflexão sem tecer críticas à estrutura familiar. Desde o início de minha vida escolar, me lembro de que recebia uma boa educação familiar, com princípios éticos e morais, os quais me fizeram um cidadão de bem. Entretanto, não consigo rememorar meu passado e ver sucesso na parceria da minha família com a escola.

Ao olhar pelo “retrovisor da minha vida escolar” vejo em meu passado uma família distante da instituição escolar. Meu pai trabalhava viajando por esse motivo negligenciou me acompanhar na minha formação escolar. Ele deixou a responsabilidade para minha mãe que não trabalhava fora, mas, talvez por não entender a importância do acompanhamento escolar, não comparecia espontaneamente na escola para saber do meu aprendizado. Nesse caso, chamo essa fase de sub-quatorze, pois foi o momento que eu possuía uma família com composição familiar ideal (pai, mãe e filhos juntos), mas que de certa forma hoje percebo, que faltava na minha família uma estrutura para entender o valor do acompanhamento do desenvolvimento escolar dos seus filhos.

Na fase “pós-quatorze e sub-vinte e cinco”, narro como um momento de desestrutura familiar. Nesse período, eu possuía responsabilidade de trabalhar, ajudar no sustento da minha família. Lembro-me que mudei de cidade, mudou o contexto escolar, morava em uma cidade grande (Goiânia), não conhecia os professores, esses também não me conheciam e nem tão pouco sabiam minha realidade. Recordo-me pouco das aulas, dos professores, afinal, nem sabia bem a importância do ensino e muito mais da escola. Eu estudava porque devia apenas para concluir o Ensino Médio. Em um dos anos letivos, conciliava o trabalho e a escola e sempre desistia. Eu cheguei ao final do ano e estava reprovado em inglês na oitava série (nono ano hoje) do período noturno.

A professora me disse que não havia mais possibilidade de me aprovar, com isso fui embora triste naquele dia, mas no ano seguinte voltei à escola para estudar, ciente que iria cursar a mesma série do ano anterior (que havia sido reprovado em Inglês), procurei meu nome nas listas de alunos de todas as oitavas séries e não encontrei, com isso encontrei com a mesma professora de Inglês do ano anterior no corredor da escola e perguntei a ela sobre o meu nome nas listas, logo ela me perguntou: nas listas de que séries você estava procurando? Eu logo respondi: nas listas da oitava série, ela sorriu e me disse: veja nas listas do primeiro ano. E lá estava eu, matriculado no primeiro ano do Ensino Médio. De alguma forma, aquela professora conseguiu enxergar em mim habilidades para aprovação escolar, que não foi somente o conhecimento na disciplina de Inglês. Hoje, percebo que a professora conseguiu

me entender como um todo. Ela conseguiu ver todo o processo, um aluno já com uma grande distorção idade/série, com histórico de evasão escolar nos anos anteriores. Por certo, posso afirmar que a docente considerou todos os obstáculos, que certamente eu teria conseguido superar para chegar ao fim daquele ano letivo, sem desistir de frequentar as aulas no ensino noturno, chegando atrasado e às vezes faltando aulas por não conseguir chegar a tempo.

No tempo presente, consigo ver que aquela professora foi capaz de entender as dificuldades enfrentadas por mim e assim me permitiu prosseguir nos estudos. Nessa fase da minha vida, ainda eu não consegui concluir o Ensino Médio. Fiz o primeiro ano e desisti definitivamente da escola novamente. Falava, e até sonhava, em um dia terminar a Educação Básica e fazer um curso superior, mas falava isso sem muito conhecimento e perspectivas, afinal, a educação para mim, até então, era algo a se fazer porque os outros cursavam. Eu já era um jovem que tinha uma profissão que julgava ser suficiente para me sustentar, e não tinha sido “educado” para valorizar o conhecimento escolar.

No início do ano de 2008, começou a fase que chamo de pós-vingte e cinco, quando conheço Giselia, hoje minha esposa, na época ela estava cursando o último ano do curso de licenciatura em Matemática, e havia lecionado em uma escola do campo, aí por ironia ou alegria do destino, “entra” em minha vida uma professora. Aquele aluno que teve toda sua trajetória marcada por falta de motivação nos estudos, começa a se relacionar com alguém que fala o tempo todo em ensinar, em aprender, em estágio, em trabalhos de conclusão de curso (TCCs), em estudar para provas. Acho, ou melhor, tive que aprender, a gostar dos “assuntos sobre educação e ensino”, senão desistiríamos do relacionamento, pois ela na euforia de final de curso, não falava em outra coisa.

Com um mês de namoro, ficamos noivos, no final de 2008, no mês de dezembro ela concluiu a faculdade e nos casamos. Morando em Goiânia eu continuava trabalhando nas construções das obras e minha esposa conseguiu um trabalho como professora. Nesse percurso, ela compartilhava comigo seus ideais de professora, as dificuldades que enfrentava com muitos alunos, que não eram motivados e não tinham interesse no aprendizado, com isso comecei a notar que os mesmos problemas que ela queixava dos alunos, eu também vivenciei no itinerário escolar, e de tanto ela falar sobre essas experiências na docência, começou a “brotar” dentro do meu ser o desejo de estudar, e agora eu queria estudar para aprender. Nesse entremeio, desenvolvi novas habilidades de aprendizagem, interessei-me pelas leituras em geral e ao ler os textos percebia que aumentava meu vocabulário a cada leitura.

Em 2009, mudamos para Cuiabá, no estado de Mato Grosso, nesse momento tive oportunidade de me inscrever no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) visando pleitear

uma certificação do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), a fim de obter certificação do Ensino Médio. Nessa prova, consegui certificação parcial, ficando pendente a área de Linguagens. Passado um período, no ano de 2010, minha esposa passou no concurso de professora no estado do Tocantins e viemos morar em Paranã, onde, em 2012, procurei a escola para me matricular somente nas disciplinas que compunham a área de linguagens, pois possuía a Certificação Parcial do ENCCEJA, e cursando somente as disciplinas de linguagem como restante, conseguiria conciliar meu trabalho aqui no interior.

Nessa época, por não conseguir trabalho na área de construção civil tinha montado uma sorveteria, tornando um comerciante, sempre sonhando em concluir o Ensino Médio e tendo perspectivas de cursar o Ensino Superior. Inicialmente, lembro-me que a escola negou minha matrícula somente nas disciplinas que pleiteava, alegando não ter ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e só poderia me matricular no ensino regular com todas as disciplinas da matriz curricular, o que seria inviável no momento.

Buscando informações na Secretaria de Educação fui informado sobre meu direito em cursar somente as disciplinas nas quais não tinha sido aprovado no “provão”, assim, mais uma vez retornei para a escola, mas dessa vez voltei amadurecido e consciente do que era estudar, dos professores desse momento e de suas práticas pedagógicas. Lembro-me bem, afinal, agora já não ia tão cansado do serviço braçal para a escola e tinha perspectivas de concluir o ensino regular e cursar o Ensino Superior.

Os professores me honravam bastante, talvez pelo fato de compreenderem meu esforço, sendo o único adulto estudando junto aos adolescentes em uma faixa etária de 15 e 16 anos. Nesse ponto, compreendo-me que estabeleci uma boa relação com os professores, que percebiam minhas lacunas formativas oriundas da fraca alfabetização que brevemente relato aqui. No ano de 2013, finalizei o Ensino Médio no Colégio Estadual Desembargador Virgílio de Melo Franco (mesma escola que agora no Ensino Superior me acolheu para realizar o estágio de docência do curso de Educação do Campo). No ano seguinte fui informado que na cidade de Arraias–TO, possuía (possui) um curso de licenciatura que as aulas ocorreriam (ocorrem) no período das férias janeiro e julho, logo procurei meus professores para buscar maiores informações e descobrimos que teria o vestibular em 2014.

Fiquei entusiasmado com a possibilidade de fazer um curso superior, e um dos meus professores (Marcos), se prontificou em oferecer um curso preparatório de redação, e desde então eu escrevia duas redações por semana, as quais ele corrigia e me dava uma resposta com sugestões e correções ortográficas. Lembro-me no momento que procurei o professor para pagar por suas aulas, ele me disse que não iria cobrar financeiramente, mas que o pagamento



seria minha aprovação no vestibular. Finalmente chegou a época da seleção, fiz o vestibular e dias depois recebi a ligação do meu colega Enedino, que me parabenizava pela aprovação e classificação em oitavo lugar, nesse momento procurei meu professor que me ajudou a praticar redação para lhe dar a feliz notícia e “pagamento” das aulas de redação.

No ano de 2015 iniciei o Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música pela Universidade Federal do Tocantins – Campus Arraias. Eu poderia ter feito engenharia civil, técnico em edificações, ou arquitetura relacionado à construção civil, mas a oportunidade que tive foi em um curso de Licenciatura, e embora, como narrado anteriormente, não havia cogitado ser professor, sempre gostei de liderar e pela carreira de minha esposa que todo professor é um líder, encarei o desafio e não me decepcionei.

Encantei-me com as disciplinas voltadas a Artes Visuais do curso, com os contextos históricos das lutas enfrentadas para reconhecimento da disciplina na Educação Básica, todavia, o curso trabalha duas habilitações, Artes Visuais e Música, nas disciplinas relacionadas a artes visuais (conseguia e consigo) sobressair, porém na área musical tinha e tenho que me esforçar muito para conseguir o mínimo para aprovação nas disciplinas.

Posso afirmar que os quatro anos de curso até o momento foram de muitos desafios, tive que conciliar minha vida profissional (comerciante durante a maior parte do curso, porém no final, voltei a trabalhar como pedreiro, já que minha sorveteria entrou em uma fase financeira difícil), as viagens constantes para Arraias e os meses de Tempo Universidade (TU) do curso, nos quais tive que me ausentar da família, além, de conseguir tempo para as responsabilidades de meu trabalho voluntário do ministério na igreja que frequento.

Nesse itinerário da graduação, recordo-me que o estágio docente foi uma experiência única, pois tive oportunidade de testar minhas habilidades de lidar e liderar um grupo de pessoas bem diferente dos que até então havia liderado. No estágio, foi possível aplicar metodologias que aprendi a admirar, trabalhei o estágio em dupla com meu colega Enedino, uma parceria de colaboração. Às vezes eu assumia a docência com a turma, em outros momentos ele era o professor da classe. Mesmo num intervalo curto de aulas, tivemos oportunidade de trabalhar com aulas práticas de artes, criando com os alunos artes e conhecendo artistas locais e a valorização cultural local. Para o estágio de música, focamos na historicidade do canto coral e nas modinhas locais, percebemos que conseguimos encantar (despertar o interesse) dos alunos com nossas aulas, pois mesmo após a conclusão das horas obrigatórias de estágio na escola participamos de outras atividades com os estudantes na instituição.

Ainda falando sobre o estágio docente, durante a caracterização da escola, foi possível observar que o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição apresentava informações vagas, no que diz respeito à historicidade da escola e do próprio nome da instituição. Frente a isso, tive a curiosidade de conversar com os servidores mais antigos do colégio, com o propósito de levantar dados documentais que norteariam minha escrita quando desenvolvi o relatório de estágio. Foi então que descobri que na biblioteca da escola tinha um exemplar de um livro de memórias titulado “Páginas da Vida”, escrito pela professora Floracy (protagonista do estudo). O livro não foi publicado por editora, mas teve alguns exemplares confeccionados por uma gráfica e custeado pela própria docente.

Nesse percurso, comecei a perceber indícios da relevância da figura da Professora Floracy no processo educacional do município. Nas conversas informais com os profissionais da escola, obtive informações que a docente havia sido líder forte como professora no Colégio Desembargador, inclusive foi gestora da escola em um período. Com isso, notei ainda que todos os funcionários da instituição falavam dela como uma figura de personalidade forte, que expunha suas ideias independentemente de estar agradando ou não.

No caminhar, fui tomado por uma curiosidade ainda maior ao lembrar de que aqui na cidade tem uma escola que leva seu nome, mesmo ela estando ainda viva (geralmente as homenagens acontecem póstumas). Assim, quando recebi a feliz notícia que o Professor Sebastião seria o meu novo orientador de TCC, encontrei-me com ele, o qual me propôs uma reorganização do meu projeto de pesquisa afim que ela fosse voltada a história de vidas de professores. Nessa perspectiva, surgiu o desejo e interesse de realizar um trabalho que tratasse a história de vida de uma professora que lutou tanto pela educação em Paranã e que mesmo aposentada e idosa, tem uma memória invejável, sempre disposta a contribuir com a educação seja por meio de um conselho, uma entrevista.

O nome dela sempre é lembrado como exemplo, no ano de 2019 em outubro, ela e o livro “Páginas da Vida”, foram homenageados no Sarau Literário do Colégio Desembargador, conforme a fotografia apresentada no (APÊNDICE C) neste trabalho. Diante disso, definimos como questão norteadora do estudo: De que maneira a trajetória de vida e profissional da professora Floracy é articulada com o desenvolvimento educacional do município de Paranã – TO? Partindo dessa proposição, elencamos como objetivo geral da pesquisa: compreender como a história de vida da professora Floracy é articulada com o desenvolvimento educacional do município de Paranã - TO. Para tanto, seguimos os seguintes objetivos específicos:

- ❖ Contextualização do município de Paranã – TO;
- ❖ Traçar uma (auto)biografia sobre a professora Floracy nos âmbitos: pessoal, familiar e profissional;
- ❖ Analisar os significados que a professora atribui sobre sua participação na história do sistema educacional do município;
- ❖ Analisar a história de vida e profissional da professora Floracy, bem como a sua contribuição no desenvolvimento educacional do município de Paranã– TO.

Nesse sentido, como parte do Projeto de Pesquisa “Vidas de professores, narrativas e docência: investigações (auto)biográficas no Tocantins”, coordenado pelo professor orientador desta pesquisa, buscamos com o presente estudo desenvolver uma reflexão (auto)biográfica da professora Floracy articulada com o desenvolvimento educacional do município de Paranã – TO.

O trabalho foi composto pela escrita do memorial, introdução e justificativa do objeto de estudo, referencial teórico no campo da formação de professores, saberes docentes, identidade, história de vida e memórias. Além disso, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa, a textualização da entrevista produzida com nossa professora colaboradora a partir dos princípios da pesquisa com história oral de vida e o método (auto)biográfico, seguindo da análise dos dados e considerações finais.

Esperamos que esta investigação desperte novos estudos e pesquisas sobre os professores, que tanto contribuíram e contribuem com a promoção da educação no país, em especial, no estado do Tocantins, que apresenta ainda um número pequeno de estudos sobre a história de vida dos seus protagonistas na educação, professores, alunos e servidores administrativos (SOARES, 2019).

Sobre o objeto de estudo deste trabalho, enfatizamos também que ele vem fortalecer o diálogo defendido por alguns educadores, movimentos estudantis e os próprios movimentos sociais no tocante a Educação do Campo, demonstrando o descaso com que sempre foi tratada a educação oferecida a sujeitos de cidades rurais, como é o caso do município de Paranã e da maior parte do estado do Tocantins, além disso, numa perspectiva demonstrar os pequenos avanços que já obteve em relação à realidade vivida outrora, por meio de reivindicações de políticas públicas que viabilizem atendimento as necessidades do campo.

Enfatizamos ainda que a história de vida aqui retratada nesta pesquisa é concomitante com a visão atual de alguns países, que ainda hoje são levados a acreditar que a escola situada na cidade é mais adequada do que as da zona rural, seja pela infraestrutura,

pelos materiais, ou mesmo pela formação dos professores. Pelo estudo, é notório que no decorrer dos anos algumas iniciativas governamentais foram tomadas, seja no intuito de oferecer uma Educação de mais qualidade ao povo campestre ou de fixar o homem no campo evitando o êxodo rural.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Para falar a respeito da história de vida de uma docente que sempre almejou crescimento da educação e que valorizou e valoriza as experiências e vivências do dia a dia da sala de aula como recurso de aprendizagem, faz-se necessário de antemão resgatar alguns alicerces históricos da educação no país. Nesse sentido, realizaremos, nesta seção do trabalho, uma breve reflexão sobre a educação nacional e os processos de formação docente.

Iniciamos nossa análise refletindo sobre a reforma das Escolas Normais e criação dos Institutos de Educação, em meados de 1932, momento sobre o qual Saviani (2009), nos aponta que o governo propunha materializar um modelo didático-pedagógico de formação docente, visando corrigir as carências e deformidades das Escolas Normais. Ainda segundo o autor, após a fundação dos Institutos de Educação, por volta de 1939, esses tiveram o efeito e nível de cursos superiores de licenciaturas no país, fato que os fez se tornar a base dos estudos em nível superior, tendo como padrão a Faculdade Nacional de Filosofia, que formava professores nas áreas: Ciências, Letras, Pedagogia e Filosofia.

Esses cursos de Licenciatura (dos Institutos de Educação) habilitavam professores para a docência de áreas específicas do ensino secundário, enquanto os cursos de Pedagogia ofereciam professores aptos a lecionar nas Escolas Normais. Nos dois casos, (Pedagogias e áreas específicas), valia, segundo Saviani (2009), do mesmo cronograma composto por um ano de estudo das disciplinas ditas didáticas e três anos de estudo do que era denominado “curso de matérias”, em que se ensinavam as disciplinas exclusivas de cada área. Mais tarde, em 1946, o governo homologou o Decreto-Lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946, notório em Brasil (1946) como “Lei Orgânica do Ensino Normal”.

De acordo com Saviani (2009), mais uma vez acarretou mudanças no Ensino Normal no país, o qual dessa vez foi dividido nos ciclos: Ciclo Ginásial - com duração de quatro anos e currículo que valorizava as disciplinas de cultura geral; e o Ciclo Colegial – com duração de três anos e objetivo principal de formar docentes para lecionar no Ensino Primário. Os cursos de Licenciatura focavam mais no aspecto teórico, sem muito incentivo à prática docente, contemplando primordialmente os conteúdos na área cognitiva e os aspectos didático-pedagógicos, ao invés de serem enfrentados como algo a ser assimilados na prática, ficando evidente uma formação de professores baseada na transmissão de conteúdo.

Aproximadamente vinte anos depois, em 1968 (após o golpe militar de 1964), ocorreu uma Reforma Universitária, na qual a finalidade básica das universidades incidiu na formação rápida de profissionais para abastecer o mercado de trabalho. Com essa Reforma em

virtude da lei nº 5.692/71 (BRASIL, 1971), foram modificados os ensinos dos Ciclos: Primário/Ginásio e Colegial, passando a serem denominados respectivamente Primeiro Grau e Segundo Grau, fato que fez com que esvaneceram as Escolas Normais.

Do mesmo modo, um ano depois, ocorreu a habilitação específica do magistério que foi instaurada pelo Parecer nº 349/72 (BRASIL-MEC-CFE, 1972), confirmado em 6 de abril de 1972, que dividiria o magistério em duas habilitações: uma habilitação de 2.200 horas cursadas em três anos que capacitaria o professor para atuar nas series iniciais (até a antiga quarta série), e a outra habilitação de 2.900 horas cursadas em quatro anos, habilitaria o docente a regência até a sexta série (atual sétimo ano do Ensino Fundamental).

Entretanto, Saviani (2009) enfatiza que com essa possibilidade de redução de carga horária, foi abrindo lacunas para as precariedades que culminou em outra mudança, no ano de 1982, implantação dos Centros de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAMs), que eram as chamadas Licenciaturas Curtas, no qual em três anos se formava professores de áreas para lecionar nas ultimas séries do primeiro grau e no segundo grau e pedagogos que tidos como especialistas em educação e habilitados para ocupar cargos pedagógicos (diretor, orientador educacional, supervisor e inspetor).

De acordo com Cavalcante (1994) esse processo de implantação dos CEFAMs ocorreu como um modo de revitalizar os moldes da Escola Normal, e perdurou até 1996, quando ocorreu um dos marcos da Educação Brasileira, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), “Após a aprovação dessa Lei, as políticas educacionais no Brasil passaram por diversas mudanças e organizações, em especial no que diz respeito à formação inicial, continuada e o desenvolvimento profissional do professor” (SOARES, 2018, p. 59).

Referente à formação de professores, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), foram promulgadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores em 2002 e desde então, o nível superior tornou-se requisito obrigatório para docência na educação básica. Outro fator importante que podemos observar nesse espaço de tempo, diz respeito a um maior zelo das políticas públicas educacionais com a ampliação de ofertas de Cursos Superiores, os quais visam à formação de novos profissionais com aptidões pessoais, sociais e profissionais indispensáveis na prática docente. Com essas alterações da lei da LDB e as Diretrizes de Formação de Professores, a aprendizagem do professor foi caracterizada pela ação-reflexão-ação e a prática deveria percorrer todo o desenvolvimento docente por meio de sua formação.

Nesse sentido, a Resolução “previa que a formação inicial do professor deve ir além de um conhecimento específico, torna-se vital considerar a docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, que envolve conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos” (SOARES, 2018, p. 68). Nesse percurso, nota-se também que o professor e sua história de vida passaram a ser objeto de pesquisa nas mais diferentes fases e atribuições que compõem sua atuação profissional.

No entanto, cabe ressaltar que as primeiras pesquisas e estudos sobre a formação docente, ficaram centrados apenas nos métodos de ensino e propostas pedagógicas. Desse modo, pela literatura pesquisada é possível compreender que o processo de formação de professores ocorreu no decorrer da história da educação por meio de uma divisão entre o pessoal e o profissional (FONTOURA, 2007). Essa dualidade para os autores, no modo de conceber o professor fazia entender que a “competência” era consequência da formação técnica do professor e assim, se rotulava o que seria ser um bom professor por meio de seus diplomas e formações, sem levar em consideração o eu pessoa do professor.

Quinze anos se passaram após a promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de 2002, e, por intermédio da Resolução nº 2 de 1 de julho de 2015, novas diretrizes foram aprovadas para os Cursos de Formação de Professores no Brasil (Licenciaturas). Essa se fez saber que os cursos de licenciatura deveriam ser organizados por área, componente curricular ou por campo de conhecimento, levando em conta que no mesmo documento institui uma carga horária mínima de 3.200 horas de trabalho acadêmico que deve ser dividida em oito períodos ou 4 anos. Estas 3.200 horas, de acordo com o documento, devem ser distribuídas da seguinte forma:

- I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, distribuídas ao longo do processo formativo;
- II - 400 (quatrocentas) horas dedicadas ao estágio supervisionado, na área de formação e atuação na educação básica, contemplando também outras áreas específicas, se for o caso, conforme o projeto de curso da instituição;
- III - pelo menos 2.200 (duas mil e duzentas) horas dedicadas às atividades formativas estruturadas pelos núcleos definidos nos incisos I e II do artigo 12 desta Resolução, conforme o projeto de curso da instituição;
- IV - 200 (duzentas) horas de atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas de interesse dos estudantes, conforme núcleo definido no inciso III do artigo 12 desta Resolução, por meio da iniciação científica, da iniciação à docência, da extensão e da monitoria, entre outras, consoante o projeto de curso da instituição (BRASIL, 2015, p. 11).

Também a respeito da estrutura e currículo da Formação Inicial do Magistério da Educação Básica, o documento propõe que devem ser garantidos nos currículos de formação

superior, disciplinas específicas da área de conhecimento, além de conteúdos de uma base comum relacionados aos fundamentos da educação, políticas públicas e educação especial (incluindo Língua Brasileira de Sinais). Nesse sentido, a formação de professores ganha novas dimensões sobre o processo formativo dos docentes e a valorização dos saberes advindos da sua histórias de vida e trajetórias profissionais. No tópico seguinte, iremos abordar uma análise sobre a formação de professores, a partir da história de vida e identidade profissional.

### **A vida dos professores no cenário educacional**

Iniciamos nos referenciando nas ideias de (NÓVOA, 2007; MOITA, 2007) os quais nos mostram que com o passar do tempo, historiadores e pesquisadores das áreas de ciências sociais, sobretudo, notaram que a trajetória pessoal e o profissional dos professores, dialogam firmemente na construção da prática pedagógica, e que, estudar e entender essa relação entre o pessoal e profissional, foi um recurso negado ao professor durante décadas a fio.

Em Nóvoa (2007, p. 18), encontramos os seguintes dizeres: “[...] ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos do conhecimento científico [...]”, essa reflexão de Nóvoa nos permite enxergar que a busca pelos enfoques (auto)biográficos surgem na ocasião em que as ciências sociais expandem sua visão sobre o sujeito, não o vendo mais como uma quantidade, uma estatística ou um fato isolado, como abordado nos estudos quantitativos, mas sim, como ponto de reflexão mais amplo e intersubjetivo.

Nessa virada epistemológica das Ciências Sociais, Soares (2019) discorre que o professor e sua história de vida, ganham espaço no campo das pesquisas e estudos, especialmente no fomento da melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Assim, a postura de emancipar as vozes dos professores, busca respeitar as peculiaridades que existem em cada ser docente. Ao falar da Professora Floracy, ou qualquer outro professor, não é possível falar de uma classe homogênea dos professores, mas sim de pessoas e profissionais singulares, pois cada uma possui sua história e vivências ao longo da vida, que repercutem no seu estilo de ser e estar professor.

Nesse sentido, as pesquisas relacionadas ao professor e a sua formação, tornaram mais sensíveis e particulares ao sujeito no decorrer da história educacional, possibilitando uma compreensão sobre a pessoa do professor por meio de uma abordagem histórico, social e cultural, sobre a sua identidade pessoa e profissional, superando os ideais de estudos de um professor meramente técnico (NÓVOA, 2007; HOLLY, 2007). Isso porque o professor



técnico é aquele que foi sendo “instruído” e “moldado” dentro dos cursos de formação visando um professor apto, competente, dentre as diferentes técnicas de ensino e avaliação, deixando de lado os processos subjetivos da formação e identidade docente.

Santos (2004) discorre que vivemos num período de ruptura de paradigmas nas ciências, no qual o professor e os demais participantes da pesquisa como sujeitos, devem ser olhados e analisados desde o local de onde eles falam, observando o contexto cultural e social nos quais estes estão inseridos, as políticas públicas que lhe foram ofertadas e o que estes absorveram do que lhe foi ofertado. E assim distanciamos da visão dicotômica e positivista, que coloca o professor como um profissional puramente técnico.

Na ruptura de paradigmas defendida por Santos (2004), os estudos sobre quem era o professor a partir dos anos 80, estabelecem que se façam novos questionamentos, abrangendo informações sobre a carreira docente, nos âmbito tanto pessoal quanto profissional, sem dar valor mais ao profissional do que ao pessoal. Entre os estudos, vastamente publicados, podemos citar Huberman (2007), que ressaltou que a carreira docente advém de fases, períodos ou sequências que, por sua vez, não poderia mais ser vista de forma isolada, mas, sim, como parte de uma série de saberes e bagagens de vida que constitui um professor.

Como destaques de trabalhos e estudos divulgados, temos também Nóvoa (2007) que realizou alguns questionamentos aparentemente simples, “Como é que cada um se tornou no professor que é hoje? E por quê? De que forma a ação pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso de vida profissional de cada professor?” (NÓVOA, 2007, p. 16). Entendemos que esses questionamentos ainda seguem sem respostas, pois dependem de cada sujeito, de cada professor, de cada contexto, de cada narrativa de vida.

Nota-se, portanto, pelos estudos e pesquisas apresentadas a importância e a profundidade do processo de formação de um professor como um todo, e o mais importante, reconhecer que o professor participa dessa construção, o olhar de cada um se torna “seu”, e não do outro, e assim forma a identidade de cada sujeito, sobre quem é e como se constituiu, cada um diante de uma trajetória de vida e profissional torna-se constructos de identidades pessoais e coletivas (HALBWACHS, 1990).

### **Identidade profissional docente**

Para Nóvoa (2007) um processo de identidade abrange três pontos: a adesão (onde se percebe no aluno a potencialidade e vocação ao trabalho docente), a ação (onde o professor

realiza escolhas para a sua prática) e a autoconsciência (que é um momento reflexivo da ação docente). Das três, o autor ressalta a ação, e sobre ela, ele assegura:

[...] na escolha das melhores maneiras de agir, se jogam decisões de foro profissional e de foro pessoal. Todos sabemos que certas técnicas e métodos “colam” melhor com a nossa maneira de ser do que outros. Todos sabemos que o sucesso ou o insucesso de certas experiências “marcam” a nossa postura pedagógica, fazendo-nos sentir bem ou mal com esta ou com aquela maneira de trabalhar em sala de aula (NÓVOA, 2007, p. 16).

É importante lembrar o que defende Nóvoa (2007, p. 16), ao dizer que, “a construção de identidades passa sempre por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional”. Essa ação, resguarda-se no método de reflexão a respeito das preferências e atitudes do professor, que inicialmente são tímidas, mas que gradualmente ganham alento e se tornam parte da ação de ser professor. Incorporada a essas opções e atitudes, a concepção identitária de ser professor vai se estabelecendo no decorrer da ação e das escolhas que ele faz.

Moita (2007) defende que pessoal e profissional não se separam, de tal modo, “o processo de formação pode assim considerar-se a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa” (MOITA, 2007, p. 115). A identidade docente, segundo a autora, passa pela compreensão de quem é o outro e quem sou eu, e como as relações desses indivíduos se organizam socialmente, um contribuindo com o outro num processo de construção tanto pessoal, quanto profissional.

[...] É uma construção que tem a marca das experiências feitas, das opções tomadas, das práticas desenvolvidas, das continuidades e descontinuidades, quer ao nível das representações quer ao nível do trabalho concreto onde profissional e pessoal vai se construindo e reconstruindo (MOITA, 2007, p. 116).

E ainda nesse sentido, retomamos a reflexão quanto à prática de cada professor, em que um se diferencia do outro em suas metodologias e ações, levando em conta que, “[...] cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie de *segunda pele profissional*” (NÓVOA, 2007, p. 16, grifo do autor). Desse modo, os diversos estilos do ser e estar professor são particulares de cada profissional, construído pelas vivências e

experiências ao longo da vida. Isso porque provêm do conhecimento e saberes, permeados pela experiência e pelas relações que construímos como professores no cotidiano em âmbito pessoal e profissional. Portanto, podemos entender que a identidade docente é um processo permanente em construção e revisão, bem como seus saberes.

### **Os saberes docentes**

Os debates sobre os saberes docentes ganharam força a partir da década de 90, tanto em âmbito nacional, quanto internacional, quando as linhas “ideológicas” do período propunham pensar a formação de professores de maneira inovadora, levando em consideração não apenas os conhecimentos e saberes teóricos, adquiridos pelos professores nos cursos de formação, mas também, os seus saberes que trazem de sua experiência de vida.

Essa nova forma de pensar, faz compreendê-lo como pessoa que tem uma história e está inserida em um ambiente social, que, de alguma forma, exerce influência no processo de ensino. Todo professor relaciona-se diariamente com conhecimentos variados, que interferem na sua atuação pedagógica. O saber docente é pertinente a pessoa, e sua identidade, concomitante com a sua história de vida, com a sua experiência profissional, enfim, com sua afinidade com os alunos e comunidade escolar, ou seja, pode ser estabelecido pela cultura organizacional.

Nessa perspectiva, é fundamental compreender o professor como pessoa que têm desejos, ideias próprias, lembranças e conhecimentos, construídos e às vezes até reconstruídos no social, nos enviando a relevância de seus saberes no cotidiano escolar e em seu processo de formação. No livro de Tardif (2002), “Saberes docentes e formação profissional”, há uma forte discussão sobre os diferentes saberes que os docentes possuem, entre esses saberes, há alguns adquiridos por meio da prática na trajetória de vida pessoal e profissional, que de forma marcante influencia a metodologia e atuação do docente em sala de aula.

Nesse sentido, analisamos que ensinar é uma tarefa complicada e complexa, afinal, envolve vários indivíduos, cada um com pensamentos, ideologias, condições sociais e pessoais, que de certa forma interferem no processo de ensino-aprendizagem. Ao ensinar, devemos atender as exigências e especificidades de cada aluno presente na sala de aula e isso é um desafio para o professor e para a escola. Além disso, vencer esse desafio depende muitas vezes de uma boa formação docente, de uma bagagem de saberes docentes, bagagem essa, que depende tanto do professor como também da escola, pois ambos estão inseridos em uma sociedade em mudança constante.

Como enfatiza Nóvoa (1997, p. 28): “as escolas não podem mudar sem o empenho dos professores; e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham”. Essa afirmação de Nóvoa (1997) torna-se interessante e nos faz refletir que a prática docente dificilmente acontece isolada, deixando evidente que o desenvolvimento profissional do professor deve estar articulado com o desenvolvimento da escola, conseqüentemente, com os projetos, para que ocorra uma transformação coletiva no processo de aprendizagem.

Sendo assim, acreditamos que não adianta a formação, a reflexão, o reconhecimento e a valorização dos saberes docentes no plano teórico, se a escola não se abrir as práticas pedagógicas que permitam a continuidade ao processo de formação dos saberes do professor, além da participação ativa dos professores, como agentes capazes de contribuir com elaboração de políticas educacionais por parte do governo e instituições. Afinal, os saberes docentes não podem ser separados das outras dimensões do ensino, muito mesmo das ações curriculares e políticas da educação.

Nesse sentido, Tardif (2002) constitui o saber do professor a partir de seis linhas, que ele chama de fios condutores. O primeiro se pauta no saber e trabalho, em que afirma que o saber do professor tem que ser compreendido em uma estreita relação com o trabalho na sala de aula e na escola. Relações que são intercedidas pelo trabalho com o provimento de princípios para enfrentar e resolver ocorrências do dia-a-dia escolar.

O segundo fio condutor citado pelo teórico, é a diversidade do saber, em que defende que os professores possuem saber plural, então, não é saber – são saberes - heterogêneos, diversos, pois, na ação docente envolve conhecimentos e um saber-fazer diversificado, de natureza e fonte distintas. O terceiro fio condutor citado por ele é a temporalidade do saber ou dos saberes, no qual assinala o saber dos professores como temporal, defendendo que os saberes são adquiridos na conjuntura de uma história de vida e de uma trajetória profissional.

Depois da temporalidade, tem-se o quarto fio condutor que é designado pelo autor, como a experiência de trabalho, esse fio valoriza os saberes contraídos com a experiência do trabalho diário, como embasamento da prática e da competência profissional. Ele defende ainda que o habitus profissional é desenvolvido a partir das experiências adquiridas pela prática. O quinto fio condutor assinalado diz respeito a saberes humanos, apregoando a ideia de interação, entre o trabalhador (professor) se relacionando com o seu objeto de trabalho (alunos e escola) por meio de uma interação humana.

O sexto e último fio condutor, corresponde os saberes e formação profissional, sendo subsequente aos anteriores, esse é decorrente da formação de professores para o magistério,

observando se os seus saberes docentes (que trazem das universidades), e os saberes advindos da sua prática cotidiana.

Nesse sentido, ao realizar uma reflexão sobre os saberes dos professores, notamos que a relação dos docentes com os saberes não é restrita apenas a transmitir conhecimentos já constituídos, mas sim a prática docente agrega diferentes saberes e conserva diferentes relações com eles, fazendo do saber docente um saber plural, composto pela combinação, de saberes advindos da formação profissional, saberes disciplinares, saberes de currículo e experienciais, carregados de marcas do ser humano. Tardif (2002) afirma ainda que, a transformação da formação do professor no decorrer do tempo é proveniente de sua experiência profissional, e na história de vida da professora Floracy notamos que ela possui mais experiência profissional do que formação teórica, mesmo assim possui uma gama extensa de saberes docentes, conforme veremos na seção da sua narrativa.

Notamos ainda, que as mudanças sociais e temporais interferiram em seu saber docente, desafiando-a evoluir profissionalmente com as capacitações que participou para poder atender as requisições do processo de ensino-aprendizagem. Ainda nesse sentido, dialogamos com o autor, ao enfatizar que: “os saberes de um professor são uma realidade social materializada através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada etc., e são também, ao mesmo tempo, os saberes dele” (TARDIF, 2002, p.16). Ou seja, pensar a formação dos professores nos impõe analisar e refletir também sobre a identidade de vida e profissional dos docentes, bem como suas trajetórias formativas e os saberes pessoais e profissionais mobilizados no itinerário formativo individual e coletivo.

### **História de vida, memória e identidade social**

Falar em memória, em história de vida, em identidade social, em lembranças das pessoas idosas, numa sociedade na qual a individualidade decorrente das tecnologias da informação e comunicação, nos rouba o tempo de escutar as estórias de quem já viveu muitas experiências e ainda perspectivas do que há por vir, torna-se uma experiência única para a construção da própria identidade que servirá de exemplo e experiência para futuras gerações.

As histórias de vida refazem todo o caminho do sujeito, guiadas por objetivos de identidade, e com isso é possível afirmar que a história de vida é um método de reconstrução identitária, ordenando momentos que marcaram uma vida, por meio do estabelecimento de

uma coerência entre acontecimentos – chaves, que obedecem a uma ordem cronológica. “onde, por meio desse trabalho de reconstrução de si o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (POLLAK, 1992, p. 13).

Nessa perspectiva, acredita-se que a memória é essencial nas histórias de vida e tem uma função modeladora em relação à identidade, pois o que é rememorado, a forma como é recordado e o significado atribuído ao passado no presente, sugere o modo como a identidade do indivíduo será reafirmada, restaurada e pensada. Ou seja, a memória causa uma revisão autocrítica, que intervém no jeito como o sujeito se compreende, como ele se apresenta aos demais e como se deixa apresentar.

Bosi (1979) que em sua obra “Memórias e Sociedade – Lembranças de Velho”, defende que para reler um livro juvenil, com a mesma empolgação e intensidade com que se leu na infância seria *mister* perder da lembrança, tudo que se viveu desde então e ir de encontro a tudo o que sabíamos e priorizávamos no momento da juventude. Isso porque ao reler o livro a pessoa tem inicialmente uma impressão de reencontro com o frescor da primeira leitura, mas, ao passo que conclui a leitura, nota-se que algo que na leitura quando ainda era jovem o encantou, na vida adulta já não encanta mais, e algum elemento que tinha passado despercebido da primeira leitura faz tanto sentido no momento presente.

Por esta reflexão, faz-se notório que se um indivíduo desejasse reviver e narrar fielmente um episódio pertencente a sua vida precisaria conseguir esquecer todas as experiências póstumas ao acontecimento, incluindo a experiência que estivesse vivendo no instante da narração (algo praticamente impossível). Assim, observamos que o ato de rememorar permite o estabelecimento de vínculos de pertencimento determinantes para a construção da identidade. O passado, o presente e o futuro são teias de significados que tecem a identidade do sujeito situada no espaço e tempo.

A memória e identidade se aliam no “discurso”, pois ao rememorar o sujeito mobiliza seu “baú de experiências”, pondo para atuar tudo o que o compõe para fazer uma narrativa de si e sobre si. Bosi (1979) corrobora com esse pensamento, quando defende que uma lembrança é um diamante bruto e precisa ser lapidado pelo espírito, e nessa lapidação ao ouvir a história de vida da professora Floracy é possível notar (na seção seguinte) que a docente “sonha” ao rememorar sua atuação como professora, e neste “sonho” se mostra cumpridora de seu papel social, que lhe é atribuído como idosa: o de ser a memória coletiva dos grupos sociais concernentes, narrando sua história, suas memórias, e transmitindo uma herança cultural.

Nesse ponto, entende-se que por meio de suas lembranças, o velho é um construtor social e, articulado do seu legado como ser humano. Podemos ter acesso a um “mundo” que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos e que nos é revelado pelas suas lembranças narradas no presente (BOSI, 2003). Em contrapartida, Pollak (1992) assegura que a história oral é a ligação existente entre memória e identidade social mais designadamente no campo das histórias de vida. O autor apresenta características e elementos constitutivos da memória individual e coletiva, defendendo que em primeiro lugar os acontecimentos são vividos individualmente e posteriormente são *vividos por tabela* (grifo do autor), trazendo a concepção que os narradores coletivamente voltam sempre aos mesmos acontecimentos, ou seja, algo que aconteceu com um indivíduo em determinada época, também teve relevância aos demais no mesmo período, geralmente.

Deste modo, Pollak (1992) nos confirma em sua obra que a memória é, em parte, trazida, não se mencionando à vida física da pessoa, mas passando oscilações que são função da ocasião em que ela é solicitada. O autor emprega o termo enquadramento da memória para explicar essa seletividade, em que o indivíduo escolhe ou enquadra determinadas lembranças, enfocando umas e esquecendo outras. No mesmo sentido, Bosi (1979) delinea a memória como matéria lembrada, em que a maneira de lembrar é tanto subjetiva (individual), quanto social (coletiva), em que o grupo transmite, detém e avigora as lembranças, mas o recordador ao trabalhá-las, vai gradativamente individualizando a memória coletiva e, no que recorda e como recorda, vai fazendo com que permaneça o que lhe tem significância, assegurando que o tempo da memória é social, reflete a maneira de lembrar, de acordo com seus desígnios e métodos ideológicos de comunicação.

Assim, o autor referenciado assevera que nenhuma pessoa pode estabelecer uma autoimagem isenta de alteração, de negociação, de variação em função do coletivo ao rememorar. Desse modo, para Pollak (1992), a memória é um elemento estabelecido social e individualmente, se tratando da memória passada, dizendo também que existe uma ligação muito estreita entre o sentimento de identidade e a memória. Desse modo, a identidade do sujeito é construída e tecida pelas experiências de vida, que atravessam sua história como sujeito social, pertencente de um grupo, de uma cultura, de uma sociedade.

Diante disso, a identidade social é um processo permanente de afirmação ou refutação da memória individual e coletiva, em outras palavras, não temos uma memória homogênea, mas sim heterogênea permeada de vozes e valores. Afinal, como enfatiza Bosi (1979) na história de vida, somos sujeitos ao indagar/procurar e objeto ao ouvir/registrar, sendo como um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que

esse alguém se vale para transmitir suas lembranças. É a sobrevivência do passado que conservado no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança no presente-futuro. Ainda sobre a memória das pessoas idosas, é interessante refletir também sobre o que afirma Bosi (1979, p. 22):

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: eles já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecível, enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 1979, p. 22).

Neste mesmo sentido, Pollak (1992) argumenta que a mente do idoso prioriza as informações a serem contadas, seleciona o que será lembrado num processo de “negociação”, demonstrando que não há identidade sem memória, tampouco, memória sem identidade. Memória e Identidade estão entrelaçadas, de tal modo que, as duas se conjugam, e se sustentam reciprocamente, apoiando uma na outra, o que possibilita ao indivíduo (re)construir uma trajetória de vida, uma biografia, uma lenda, uma narrativa, uma história.



## METODOLOGIA DA PESQUISA

Para narrar e documentar a história de vida da professora Floracy Bonfim Pereira de Araújo e sua articulação com o desenvolvimento educacional de Paranã, iniciamos esta seção com uma breve descrição da cidade, *lócus* do estudo.

**Figura 2:** Vista aérea da cidade de Paranã – TO



**Fonte:** <https://www.parana.to.gov.br/galeria/foto>. Acesso em: 02 dez. 2019.

Localizado ao sul do Estado do Tocantins, o município de Paranã limita-se: ao norte com São Valério e Peixe, ao sul com Arraias e Cavalcante, a leste com Conceição do Tocantins e Arraias, e a oeste com São Salvador e Peixe. De acordo com dados do IBGE, o município possui uma área aproximada de 11. 260 quilômetros quadrados, cujo relevo possui várias serras, inclusive contando com as terras de maior altitude do estado (a Serra das Traíras com 1.340 metros de altitude). O município possui uma população de 10.338 habitantes de acordo com o último senso do IBGE (2010), dos quais 95,4 % com idade entre 6 e 14 anos possuem escolarização.

A história do município começou no final do século XVII com missões Jesuítas que subiam o Rio Tocantins e formavam aldeias missionárias. Segundo Bezerra (2005, p. 43) “essas aldeias deram lugar às fazendas de gado vacum e cavalari. Em 1740, os índios destruíram o arraial, mas o português Félix Camoa, procedente de Belém do Pará, com uma pequena comitiva, e pretextando explorar minérios, acampa no local...”, (as fazendas de gado Vacum e Cavalari citadas pela autora se referem a fazendas de criação de gado bovino e cavalos). Nesse trecho do livro *Paranatinga*, escrito por uma Paranaense, vemos que desde a

formação do povoado, este teve ligação com a localização privilegiada para navegação, e, por estar no encontro de dois grandes Rios: Paranã e Palmas que foram navegáveis e serviam como porto de apoio, recebia pessoas de vários lugares.

Mais tarde, conforme Bezerra (2005), no ano de 1857, mais propriamente no dia 5 de outubro, a vila de São João da Palma conquistou a categoria de cidade por meio de uma Lei Provincial, e passou a se chamar “Palma”. Bezerra destaca ainda que nesta época o lugar teve um grande impulso econômico, em virtude da emancipação e chegou a ser o referencial comercial das cidades do Nordeste goiano (na época ainda não existia o estado do Tocantins), isto também devido a sua regularidade de comércio hidroviário com Belém do Pará por meio da navegação em botes (barcos movidos a força humana que transportavam de 15 a 20 toneladas de mercadoria) através das águas dos rios Tocantins, Palmas e Paranã.

Mesmo emancipada, Palma (atual cidade de Paranã), só foi ter o primeiro prefeito, o qual foi nomeado, em 1931, Evaristo Bezerra e seu mandato durou até 1942. Após esse período foi nomeado, pelo interventor Federal do Estado Dr. Pedro Ludovico, o senhor André Rodrigues de Araújo que exerceu o cargo até outubro de 1945 quando, com o fim da ditadura e deposição de Vargas foi afastado. No entanto, segundo Bezerra (2005) foi durante sua administração que “deu-se a mudança do nome da cidade de Palma para Paranã, pelo Decreto-Lei número 8 305, de 31 de dezembro de 1943” (p. 59).

Destaca-se nesse período, conforme a autora, outros feitos na cidade, tais como: a organização do ensino e criação da escola denominada na época como Grupo Escolar (atual Colégio Estadual Desembargador Virgílio de Melo Franco), que teve como diretor nomeado o professor Antenor Nunes Viana, além da criação do Grupo Escolar. André Rodrigues também conseguiu um posto de saúde para a cidade e nomeou o primeiro médico do município.

Após a deposição de André Rodrigues, Bezerra (2005), relata que Pedro Bezerra assumiu interinamente o cargo de prefeito por um curto período e em novembro do mesmo ano assumiu a administração da cidade de Paranã a senhora Josefina Teles de Brito Nunes, exerce o cargo até o ano de 1947, quando, em 1948, ocorre à primeira eleição, tendo como prefeito eleito o senhor Euclides Bezerra Gerais.

Sobre esse fato, Bezerra (2005) argumenta que Euclides foi um prefeito atuante, sendo o primeiro prefeito a firmar convênios e receber verbas federais, com as quais realizou um grande número de obras, dentre as quais é possível citar a construção de dez instituições escolares e um corpo docente qualificado. Na obra de Bezerra, encontramos também relatos de uma segunda mulher a liderar e administrar o município trata-se da professora Floracy Bonfim (protagonista do nosso estudo) sendo apresentada no livro como uma administradora

dinâmica, que deixou na sua atuação obras de relevância para o município, dentre as quais destacam a carta patente para instalação do Banco do Estado de Goiás na cidade, implantação da SUCAM (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública – atualmente FUNASA) e ampliação de escolas do município.

Em relação à economia da época, Paranã se beneficiava do comércio fluvial, mas atualmente após a construção das pontes nos dois rios que margeiam a cidade, a principal atividade econômica tem sido a criação de gado e o turismo, em especial, os festejos religiosos, nos meses de junho e setembro, as folias (durante todo o ano), além das temporadas de praias durante o verão, que movimentam a cidade e aquecem o comércio local.

A arquitetura da cidade mantém traços com marcas historicamente importantes, tendo preservada uma quantidade razoável de residências construídas na segunda metade do século XIX. No que diz respeito à educação no município no tempo presente, segundo dados obtidos na Secretaria Municipal e Estadual de Educação, o município em 2019 contava com um total de 1.343 alunos matriculados no Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA) da rede municipal; e 1.368 alunos matriculados nos Ensinos Fundamental, Médio e EJA da rede estadual de ensino. Quanto ao ensino superior, a cidade ainda não conta com Polos Universitários presenciais, mas existem cursos na modalidade a distância (EAD), que ofertam aulas em salas cedidas por escolas da educação básica, além de alunos da cidade que se deslocam para a cidade de Arraias para cursarem a Licenciatura em Educação do Campo.

### **Procedimentos instrumentais do estudo**

O trabalho de pesquisa ora realizado tem por objetivo analisar a história de vida da professora Floracy e sua articulação com o desenvolvimento educacional de Paranã –TO . Para isso, adotamos a pesquisa qualitativa que propõe conhecer o contexto da pesquisa e seus sujeitos para além de uma questão estatística. Nesse caso, o foco da pesquisa qualitativa é o processo intersubjetivo do contexto e seus sujeitos e não apenas resultados quantitativos.

Dessa forma, na pesquisa qualitativa o pesquisador se conserva acessível às revelações que analisa, “ele é parte da pesquisa e interage continuamente com o universo a ser pesquisado.” (SILVA, 2007, p. 153). Ao mesmo tempo em que o investigado, assim como o pesquisador, é sujeito que detém conhecimento e tem experiência, de modo que “[...] a relação pesquisador-pesquisado deverá ser intensa.” (p. 153 idem). Ou seja, são contraídos os sentidos e definições que os sujeitos impõem ao elemento de investigação.

Para embasar teoricamente o estudo, realizamos uma pesquisa bibliográfica (SILVA, 2007) por meio de livros, capítulos de livros, artigos e tese. Tal pesquisa foi guiada pelo orientador do trabalho, que auxiliou na indicação de livros, artigos e sites, bem como na explicitação do campo teórico que a pesquisa deveria seguir, pois a pesquisa bibliográfica é a base de qualquer trabalho científico. Para Fonseca, (2002, p. 32), “a pesquisa bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências publicadas por meio de meios escritos e eletrônicos como livros, artigos científicos e sites”. Ao ler diversos artigos e trabalhos científicos, notamos que há trabalhos que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, entretanto propomos no nosso trabalho uma junção da pesquisa bibliográfica a pesquisa de campo, com enfoque na história de vida.

Nesse entremeio, para produção dos dados adotamos a entrevista semiestruturada, “a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa”. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146) Por meio dessa afirmação realizamos o planejamento da coleta de informações com a construção de um roteiro (APÊNDICE B) com perguntas, a fim de atingir o objetivo pretendido do estudo, que visou analisar como a história de vida da professora Floracy é articulada com o desenvolvimento educacional do município de Paranã – TO.

Dessa forma, o roteiro construído serviu de parâmetro para a coleta dos dados, como meio de orientação do pesquisador na organização e interação com a colaboradora durante a pesquisa, pois a entrevista na pesquisa “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). Assim, o roteiro foi entregue à professora com dez dias de antecedência a data do encontro, para que ela tivesse conhecimento do que seria investigado e assim, transcorridos os dez dias acordados, nos encontramos para uma adequação do roteiro de perguntas, mas a professora concordou com as questões elaboradas e se dispôs a realizar a entrevista, que foi aplicada de forma oral, sendo gravada e transcrita na íntegra.

No momento da entrevista, participaram o pesquisador, uma auxiliar de mídias e a professora colaboradora do estudo. O diálogo aconteceu na residência da professora entrevistada, espaço que respondeu oralmente as questões do roteiro, bem como algumas intervenções feitas pelo pesquisador. Para garantia das informações a colaboradora assinou o termo de cessão (APÊNDICE A) visando preservar os padrões éticos da pesquisa, bem como sua autorização para o uso do nome pessoal no estudo.

O passo seguinte após a entrevista foi fazer a transcrição da narrativa oral, a qual foi uma experiência única, “ao efetuar a transcrição o pesquisador tem, então, a invejável posição

de ser ao mesmo tempo interior e exterior à experiência” (QUEIROZ, 1983, p. 84). Foi realmente essa a sensação que tivemos ao realizar a transcrição, pois essa técnica propõe uma reprodução de um documento (gravação oral) num segundo exemplar (material escrito). Para Queiroz (1983), a definição de transcrição indica como preferencial a execução da tarefa de transcrever pelo próprio pesquisador e apresenta como vantagem a oportunidade de uma “primeira reflexão sobre sua experiência”, e assim o fizemos, sendo que a pré-análise iniciou-se logo durante a transcrição, em que a cada linha transcrita nos fez lembrar-se daquelas informações não ficaram gravadas em áudio, mas ocorreram durante a entrevista, como as expressões faciais, o desvio de olhar, as mensagens corporais, as lágrimas que rolaram durante a entrevista.

Após transcrever, antes de partir para a análise, a entrevista transcrita, passou por um confronto de veracidade, que consistiu em ouvir a gravação tendo o documento transcrito em mãos, acompanhando e aferindo cada frase, alterações de dicção, interrupções, alterações de humor, etc. Nessa parte do estudo, nos referenciamos em Alberti (1990), o qual defende que a revisão e (re)leitura de cada entrevista realizada, antes de seguir para a subsequente ajuda a corrigir erros, a impedir respostas desviadas e a reavaliar os nortes da investigação. Ainda nesse confronto da gravação, com a transcrição, a entrevista transcrita foi editada, fazendo um check-up e alterações de frases demasiadamente coloquiais, falas incompletas, vícios de linguagem, sem alterar o sentido da narração. Para tanto, mantemos uma versão original e uma editada da transcrição da entrevista para possível conferência no final.

Cabe ressaltar nesse momento também, que após a transcrição da entrevista, a professora recebeu o texto para correção ou ratificação da entrevista. Por fim, para análise dos dados, realizamos uma leitura qualitativo-interpretativa da narrativa e o perfil biográfico da colaboradora, visando atingir o objetivo da pesquisa. Na próxima seção desse trabalho, apresentamos a narrativa da professora colaboradora do estudo.

## MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DA PROFESSORA FLORACY

Esta seção tem por objetivo narrar as memórias e trajetórias (de vida e profissional) da mulher, gestora e professora colaboradora do nosso estudo, com foco no seu percurso como professora e participante do desenvolvimento educacional no município de Paranã/TO. A entrevista realizada para este estudo aconteceu no dia 28 de agosto de 2019, na residência da colaboradora, tendo início às 15h00 (quinze) horas e término às 17h30min (dezesete horas e trinta minutos).

**W:** Qual o seu nome completo e o ano do seu nascimento?

**F:** Floracy Bonfim Pereira de Araújo, mas, Floracy com “Y” no fim, nasci no dia 3 de dezembro de 1933 em Paranã-TO.

**W:** Conte-me sobre seus pais, nome deles, a data e o local de nascimento, a vida escolar e profissão, compartilhe recordações sobre eles.

**F:** Meu pai chamava João Pereira da Costa, e minha mãe Ana Bezerra Gerais. A profissão do meu pai foi fazendeiro e minha mãe lidava com as tarefas domésticas e depois passou a ser professora da zona rural.

**W:** Conte-me quantos irmãos compunham ou compõe a sua família, relate algo que lhe pareça importante sobre algum deles.

**F:** Nós somos seis: três mulheres e três homens. Todos estudaram, são formados em: Direito, outro professor, militares, dentre outros também que dedicam à vida no campo e são fazendeiros. Tenho outra irmã que “abraçou” a vida religiosa – a Irma Doracy – que infelizmente há um mês e pouco, faleceu em Curitiba no estado do Paraná. Outra irmã minha há um ano faleceu vítima de câncer! Os outros, são advogados, tem o José que é advogado e também já é juiz aposentado, professor da faculdade de Direito em Goiânia. O Clidenor, também é formado em Direito e Engenharia.

**W:** Qual era o convívio de vocês na infância, como era? Na adolescência, e hoje na vida adulta?

**F:** Na infância nós tivemos uma vida de rei e de rainha! Porque meu pai vivia exclusivamente para nós. Ela podia fazer o que ele bem desejasse como viajar para onde quisesse. Mas, meu pai sonhava muito alto. Naquela época aqui não tinha escola bem preparada para alfabetizar, para dar uma educação mais ou menos a altura daquela época, com isso ele sonhava que todos nós alcançássemos um curso superior na vida.

Infelizmente ele não chegou a ver todos formados, porque ele faleceu de uma doença inesperada aos 41 anos de idade. Nós ficamos sobre os cuidados de nossa mãe, que ficou viúva com 36 anos e arcou com a responsabilidade da formação de nós todos, e deu conta de entregar um diploma para cada um dos filhos dela. Nós temos essa alegria, temos essa gratidão.

**F:** Então nós tivemos um convívio excelente! Somos todos unidos, na hora que um precisa do outro, está pronto para servir, a gente não passa sem se falar, por exemplo, o Toinho é o segundo irmão, eu sou a mais velha dos irmãos. O Toinho, mora ali, ele é o avô do Dr. Frederico que trabalha no hospital, a gente quando amanhece o dia, eu, por exemplo, tomo meu café e ligo na casa dele para saber como ele está. Eu tenho um neto que é professor no colégio, eu tenho bisneto! Eu estou velhinha, (risos), tenho bisneta. Depois ligo no meu neto lá para saber como ele passou, e no final da manhã, de nove horas em diante então já sei o que todo mundo fez, se pagou as contas, se foi no supermercado, se comprou verdura, já fiz tudo. Isto é a prova da união nossa, até hoje estamos aqui preocupados uns com os outros. E tem um que mora fora, ele é militar, coronel da polícia militar de Goiás, foi o chefe da Polícia Militar de Goiás há uns cinco ou seis anos.

**W:** Em relação sua trajetória escolar onde você frequentou as séries iniciais (hoje os anos iniciais) sua alfabetização e como isso ocorreu?

**F:** Aqui em Paranã, eu fui para escola aos sete anos de idade, eram chamadas escolas isoladas, então criavam só um núcleo de alfabetização que tinha só uma professora para o sexo feminino e um professor para o sexo masculino. A professora que me alfabetizou chamava Justina Braga Leite, da cidade de Porto Nacional e o outro que alfabetizou os homens naquela época foi o professor Estevão Luiz Mendes das Neves, um homem culto, muito preparado, de uma didática assim, (hoje eu digo didática, naquela época nem entendia o que era didática, o que era metodologia), a didática e a metodologia da época baseavam sabem em que? – Palmatória! Você conheceu palmatória?

**W:** Não! Só ouvi falar.

**F:** Ai meu Deus, aquilo foi o terror da escola! (risos) Então, a alfabetização foi feita assim, fiz do primeiro ano ao terceiro ano. E logo, aqui criou na época do governador Dr. Pedro Ludovico Teixeira, o grupo escolar. Aí já mudou, aumentou a frequência, já vinham rapazes, moças, mocinhas de outras cidades para estudar na cidade. Aqui estudei até o quinto ano, posteriormente, meu pai sonhou alto e pensou de me colocar no Colégio de Irmãs Dominicanas, época em que fui para Porto Nacional e passei lá seis anos “na barra da saia das freiras e dos padres”. Lá cursei só o ginásio completo.

**W:** E o seu ensino fundamental II, foi realizado onde e como?

**F:** O meu fundamental II? Eu tive que parar de estudar com a morte do meu pai, minha mãe não tinha condições de sustentar o meu internato, porque era pago, semestralmente tinha que mandar uma determinada quantia e com a falta de meu pai, minha mãe não tinha mais condições. Então tive que parar os estudos! Eu tive que parar e vim embora para Paranã porque ela ficou desorientada com a morte inesperada do meu pai. A minha irmã caçula quando meu pai faleceu tinha quatro anos, a mais velha era eu, pensa bem, tinha dezenove anos, não tinha dezoito anos e o Toinho tinha dezesseis, e nós tivemos que enfrentar com nossa mãe essas dificuldades, pois o único recurso da época foi gado.

Assim, eu tive que parar de estudar! E parar e fazer o que? Lançar mão do trabalho né! Procurar trabalhar! O primeiro emprego meu, foi como balconista numa casa de comércio, daí fui galgando novas coisas, as pessoas foram me conhecendo, foram confiando em mim, daí fui para outra cidade. Fui para cidade de Peixe, lá arrumei uma cadeira no estado, como regente de classe naquela época. Mas, estudar... Preparar não! Era só assim, pegava os livros que eu via, por exemplo: livro de didática, livro de história, essas coisas. Eu tinha sede de conhecer e saber as coisas, isso me valeu demais, sabe por quê? Porque com o tempo Paranã estagnou, ficou o tempo parado só nisso aí, veio à necessidade de criar outra situação, núcleo de ensino diferente, que oferecesse condição aos rapazes e a moças que saísse daqui. Com isso, cria-se aqui o Ginásio Professor Estevão Neves sobre a responsabilidade da CENEG, conhece a CENEG?

**W:** Não.

**F:** Foi uma Associação ou entidade de Goiás. CENEG é Campanha de Ensino Nacional e Gratuito, até hoje ainda tem em Goiânia, e na época patrocinava aqui. Então criou esse Colégio aqui, era o Coronel Antônio Pereira da Silva que foi Deputado naquela época, ajudou demais, veio para aqui, lançou “a semente”, as famílias aceitaram todo mundo de braços abertos. Naquela época tinha o promotor de justiça, o juiz, todos esses que chegavam para trabalhar aqui abraçavam a causa do povo, sabendo que esse povo tinha necessidade e queriam. Até esse momento não tinha estudado nada, praticamente tinha só a vontade de ser e de crescer, mas, quando vim do Peixe para aqui de volta, veio a necessidade de professores com condição de dar aula no ginásio.

Professor formado não tinha, tinham poucas professoras, acho que tinha umas quatro que estudaram fora e tinham o curso de filosofia, essas coisas só, mas não tinha mais nada, então veio a carência de professores na cidade. Como eu era professora regente de classe do primário, tinha um pouco de experiência, foi quando o Coronel Antônio Pereira buscava a



gente em Paranã e levávamos nós para Goiânia/GO no mês de janeiro, passávamos os meses de janeiro, fevereiro, março e abril (quatro meses), fazendo sabe o que? Capacitações!

Eu fiz quatro anos de capacitação na Faculdade de Filosofia (Católica hoje), isso me valeu demais! Eu fiz e saí de lá como se eu fosse uma “coisa” muito importante, que eu tinha feito um estudo muito avançado, e me valeu muito porque até hoje eu ainda usufruo daquilo que aprendi naquela época. Era um pouco puxado, por exemplo, eu já era mãe de família, tinha que deixar os filhos pequenos sob os cuidados do meu esposo e ia para lá e passava quatro meses, teve vezes de passar lá até cinco meses em Goiânia fazendo esta capacitação. Lá a faculdade determinava as áreas que teria a capacitação, a gente escolhia aquilo que tinha vontade, eu, como toda vida gostei do sertão, sou do sertão, nasci e me criei no sertão, tenho loucura para conhecer as coisas da terra, a cultura, os costumes, os usos.

**W:** E o Ensino Médio onde a senhora estudou e como aconteciam as aulas?

**F:** O meu Ensino Médio foi cursado aqui mesmo, depois dessa época, me arrumaram outra coisa, a Prefeitura de Paranã, precisavam de um candidato, e eu não sei por que o próprio partido não procurou ninguém, e me pegaram e me jogaram assim: “Você vai ser a candidata!” Candidata única, falei, “opa, vou ser a candidata única”, graças a Deus não passei vergonha, pelo contrário, achei um lugar que eu pudesse “passar o braço e segurar”, eu olhei lá na frente e falei: aqui será a vez que eu posso me encontrar com Presidente de República, posso me encontrar com o governador do estado, posso ir mais além e na minha linguagem de sertaneja mesmo falar o que for preciso, e isto aconteceu.

Foram quatro anos, de 1974 até 1978, nessa época aproveitei demais, porque tinha os seminários de administração, nos quais a gente ia para lá a convite do governador, participava e ficava sabendo das coisas, do que era para fazer, como devia ser feito. A gente recebia um apoio total, e desse “vai e vem, para lá e para cá”, eu achei que já tinha feito o Ensino Médio. Dei até para discursar em público. (risos)

**W:** Quais memórias a senhora têm positivas e negativas dos seus professores?

**F:** Olha! Deus perdoe os pecados deles! Naquela época era o seguinte, tinha um pedagogo, você deve conhecer este nome, ... já ouviu falar?

**W:** Não!

**F.** Em relação à didática dele, (menino fiquei horrorizada), ele dizia assim que o uso da palmatória não era inadequado e nem prejudicial, que a letra com sangue no rodapé dizia que “a letra com sangue entra”, meu Deus do céu! Eu fiquei horrorizada! Essa memória que guardo é triste!

**W:** O que pode ressaltar das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores na sua educação básica?

**F:** O que eu posso ressaltar? A falta de incentivo, a falta de material, a falta daquela evidencia daquilo que a gente estava sonhando em aprender e não aprendia porque o material do campo não dava para você aprender, a gente aprendia era como se diz “pescando aqui e acolá”. Eu tenho uma estante de livros, da qual ontem mesmo meu filho estava falando: Mamãe, a estante de livros da senhora é do tamanho desta parede! Era porque eu ia comprando livros e colocando lá, isso me valeu demais, muito, muito. Quando eles arrumaram o colégio ali, olha, como eu fui bem vista, modéstia parte, como fui agraciada pelo meu trabalho, pela minha disposição, mas não é, é porque eu já vinha de uma estrada muito vivida, muito sofrida, a necessidade da aprendizagem, que a cultura nossa aqui era que ninguém sabia nada, então o que a gente conseguiu mais ainda foi graças à integração da Força Aérea Brasileira, a FAB, que tinha os aviões que vinham aqui e traziam professores, médicos, dentistas, traziam tudo, até como as moças do Rio de Janeiro, de São Paulo, se vestiam, usavam, se portavam, eles nos ensinavam, então, houve uma integração total.

**W:** Algum desses professores que a senhora teve na infância, serviu de referência para a senhora escolher a docência como profissão?

**F:** Não. Toda vida eu sonhava, você sabe de uma coisa, gostar de criança, gosto demais, ensinar. As meninas sorriem demais, porque aqui na porta enche de meninos. – Professora! Professora! Professora! Mas tem uns que não falam Professora não, me chamam de “Fessora”; qual foi a pergunta mesmo?

**W:** Se algum professor que a senhora teve na infância serviu de exemplo para senhora escolher a profissão de professora.

**F:** Não, não serviu não! Naquela época era só na palmatória! (risos)

**W:** Você cursou algum curso técnico ou superior? Se sim, conte sobre eles.

**F:** Técnico ou superior não, os cursos que fiz foram capacitações.

**W:** Capacitações?

**F:** Eu fiz capacitações de... era gamada em Geografia, História, mas me especializei nessas capacitações em Geografia. Até hoje os meninos de Goiânia, meus alunos, que eu tenho por lá, até hoje eu fico muito cheia, muito cheia de vida por eles elogiarem meus métodos de ensino, (risos), até que enfim sobrou para mim um pouquinho.

**W:** O que dificultou para a senhora fazer um curso superior?

**F:** A falta de condições de sair daqui, não tinha! A condição era essa: levava a gente, como se diz “de malote”, colocava lá em Goiânia, onde tinha a faculdade que dava tudo de graça para

os professores se especializar, então a gente tinha que aproveitar “de unhas e dentes”, pegar tudo que fosse possível.

**W:** A senhora em algum momento da sua vida sentiu falta dessa formação superior?

**F:** Muito! Sabe por quê? Porque tem os filósofos, daqui, que foram para São Paulo e outras cidades maiores para estudar, conquistava o diploma, nisso, eu Floracy ficava sempre no meio do caminho, pois eu frequentava as capacitações em Goiânia, com isso observa que eles achavam que tinha que tirar uma “pontinha de minha orelha” e beliscar porque eu estava entrando demais onde não devia. Mas entrava mesmo e saía bem. Modéstias a parte (risos).

**W:** Dessas memórias do tempo dessas capacitações, você tem alguma lembrança positiva ou negativa, dos professores do curso?

**F:** Negativa não. Tudo da minha vida, tudo que passei nessas capacitações lembro-me como as mais “doces” das lembranças, o maior agradecimento que eu rendo a Deus viu, porque me favoreceu muita coisa, me ensinou muita coisa, sou agradecida a Deus.

**W:** O que a senhora pode ressaltar das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores na sua educação técnica, ou seja, nesses cursos de capacitação que a senhora realizou em Goiânia.

**F:** Olha, era como uma sementeira; lançavam agora a gente tinham que estar preparado para colher estas sementes, guarda-las e utilizá-las nos momentos precisos, em que precisasse provar que a gente estava mesmo preparada para aquilo. Essas práticas, essas técnicas, a técnica da educação, do ensino, quando bem estruturada, quando bem compreendida, quando amada, porque professor tem que amar a profissão dele, então, oferece para gente muita coisa que a gente não consegue esquecer nunca.

**W:** Como tornou se professora, houve alguma influência da família?

**F:** Não. Não houve influência da família. Sabe o que me obrigou a entrar no mercado de trabalho?

**W:** Hum...

**F:** Foi a orfandade de pai, minha mãe não dava conta só de manter a família, eu tinha que ser o “escudo” para sustentar, porque eu era a mais velha, então, a primeira porta no campo do trabalho que me abriu eu aceitei.

**W:** No caso da docência, quando e como a senhora começou a trabalhar na docência?

**F:** Foi o tempo, o tempo, as férias foram ensinando a gente, porque tem pessoas que não ligam, não importam, acham que aquilo ali é passageiro. A docência, quando bem praticada, quando bem feita, com amor, não é para ser esquecida nunca mais.

**W:** A senhora lembra-se de algum desafio, alguma dificuldade que a senhora vivenciou nos primeiros anos que a senhora começou a dar aulas?

**F:** Enfrentei na educação como falei anteriormente, eu não tinha curso nenhum, e as outras professoras do ginásio eram cheias de “direitos”, de diplomas, eu não tinha nenhum. Mas, uma coisa me marcou para sempre.... eu chegando de Goiânia aqui, tinha passado lá quatro meses fazendo a capacitação na área de Geografia e cheguei doida para mostrar o que eu tinha aprendido. Lá no colégio eu tinha marcado prova mensal, naquela época eu acho que aqui eles nem sabiam o que era prova de consulta (risos), então, cheguei, e como estava marcada a prova, fui ao colégio e me apresentei aos alunos que eu tinha retornado, foi aquela festona, aquela alegria, coloquei eles em uma sala bem ampla e passei o problema da prova, o que eu iria pedir na prova e mandei num livro de geografia, me lembro demais, até o autor Moisés Gicovate, informei a eles para procurar nas páginas e disse: vocês vão consultar sobre isto aqui. Então fiquei andando para lá e para cá no meio das carteiras, então, a porteira de lá, que fazia a faxina, ela não sabia o “Beocó”, não sabia ler nada, de vez em quando ela botava a cara assim do lado da porta olhando eu caminhando na sala.

A diretora era gentona! Tinha diploma e tudo, agora Floracy não tinha nada, aí, a porteira botou a cara na porta de novo, com isso perguntei: está havendo alguma coisa errada aqui? Então saí da sala, com isso já observa que e já vinha ela com a diretora, logo perguntei: o que está acontecendo? Assim a diretora perguntou também: Quem te autorizou a mandar menino fazer prova com o livro aberto? Falei: Quem me autorizou? Você está caçando quem me autorizou? (risos) frente a isso disse: Eu aprendi lá em Goiânia na Faculdade Católica, que isso é didática, que isso é maneira dos alunos aproveitar. Aproveitei o momento e expliquei lá com as coisas que eu tinha aprendido e estava doida para exhibir, para mostrar que eu também tinha aprendido (risos), ela falou assim: É, mas aqui a gente não sabe isso não! Então eu falei: Mas eu aprendi e vou ensinar agora para todo mundo!

**W:** A senhora recebeu algum apoio institucional ou de colegas no começo da sua profissão?

**F:** Não! Foi nas “escuras”, eu tinha que “pescar”.

**W:** Como desenvolvia sua prática pedagógica nas turmas que atuou, tinha alguma referência de ex-professores para construção de sua docência em sala de aula?

**F:** Não.

**W:** Como você percebe a sua relação professora-aluno nesta trajetória profissional, foi boa? Negativa? O que a senhora acha?

**F:** Foi ótima, aprendi para vida toda.

**W:** De que maneira planejava suas aulas, foram aulas mais expositivas, ou a senhora buscava outras metodologias de ensino?

**F:** Buscava de tudo, tinha uma coisa que era novidade, que era preciso mostrar, eu estava prontinha, pegada! Meu negócio era demonstrar que estava fazendo.

**W:** O que é ser e estar professora para você neste percurso profissional?

**F:** O que é ser?

**W:** É! O que é ser e estar professora para você, neste percurso profissional? O que foi que significou para a senhora ser professora?

**F:** A vida toda! Tudo! Tudo! Tudo da minha vida foi isso aí! Com toda sinceridade, toda sinceridade mesmo! Vou te falar uma coisa para vocês! Não vou chamar de meus colegas porque vocês podem ser meus filhos. Eu sou apaixonada pela sala de aula. Embora eu saiba que é mal remunerado, é mal vista, é mal compreendida viu, é uma classe desprezada. Mas, sou apaixonada pela sala de aula, vou fazer igual Tiradentes: “Mil vidas eu tivesse, mil vidas eu tornava a ser professora”, para tornar a ensinar.

**W:** Quais memórias a senhora têm da educação do município de Paranã, você lembra como ocorreu e quem participou desse processo de emancipação da educação no município?

**F:** Chamava-se Euclides Bezerra Gerais, o primeiro prefeito eleito com voto popular. Aquele prédio ali (aponta para prédio da atual Escola Municipal Soldadinho de Jesus) foi o primeiro prédio que foi construído em Paranã para escola, porque antes a escola aqui funcionava em quartos de casas alugadas, sem quadros negros, eram aquelas lousas, aquelas pedrinhas que escrevia, só tinha isso, então, Euclides Bezerra, quando tornou prefeito em 1952, ele começou a “acordar” o município para as escolas, cada região dessas aqui, o prefeito deixou uma escola funcionando, deixou uma escola funcionando na fazenda de meus pais, fazenda São Domingos, Escola Municipal da Fazenda São Domingos, deixou outra ali, Escola Municipal da Fazenda Barreiro, deixou também mais de doze escolas municipais funcionando no município com os professores trabalhando e recebendo o dinheiro “sagrado” pelo que faziam.

**W:** Então, essa escola (aponta para prédio da atual Escola Municipal Soldadinho de Jesus), o nome dela, quando ele a abriu, era Soldadinho? Ou outro nome?

**F:** Não. Era o Grupo Escolar de Paranã. Depois, quando passou para o ginásio, em homenagem ao professor que teve aqui, Professor Estevão Luiz Mendes das Neves, passou o ginásio junto com a CENEG, que era essa campanha de Educação Gratuita, e aceitou o nome dele, então passou a ser chamado Professor Estevão Neves, mas, o primeiro prédio foi esse aí. Era o Grupo Escolar de Paranã.

**W:** A senhora lembra-se de alguma experiência sobre as primeiras instituições escolares na cidade, a partir da sua vivência como aluna ou como professora? Ou seja, quando a senhora era aluna já tinha escola? Ou passou a ter escola depois que a senhora se tornou professora?

**F:** Já tinha! Depois que eu virei professora que eu ampliei meu mundo de ensinar.

**W:** Quando a senhora iniciou seu Ensino Fundamental, nos primeiros anos de estudo da senhora aqui em Paranã, já era em escolas, ou era em casas ainda?

**F:** Não, já era escola.

**W:** De que maneira percebe que sua história de vida pessoal e profissional é articulada com o histórico da educação no município de Paranã?

**F:** Tem uma ligação perfeita de vitória e de conquista, pois do nada, transformou nisso tudo que estamos vendo hoje, embora um pouco decaída. Paranã está perdendo demais no campo da educação e da cultura. Muito, muito, muito! E eu não calo, eu falo. É tanto que eu tenho um apelido que vocês não vão falar por aí, (risos), aquela mulher lá é linguaruda. Eu falo de tudo! Se está errado não está certo! Mas, é uma vergonha, infelizmente é uma vergonha! Paranã está perdendo! Perdeu!

**W:** Você reconhece que desenvolveu um papel social e político importante para a educação deste município?

**F:** Reconheço! E só não fiz mais porque não teve tempo!

**W:** A senhora foi, professora, foi, prefeita...

**F:** Fui prefeita, fui diretora daquele colégio lá umas três vezes...

**W:** ... o Desor?

**F:** Desor!

**W:** E o tempo que a senhora foi prefeita, a senhora se recorda muito claro como era? O que a senhora fez pela educação, o que a senhora conseguiu mudar e por que, que hoje tem uma escola em homenagem ao nome da Professora Floracy? (Neste momento chegam uns alunos, que estão cumprindo uma prova da Gincana de Matemática, explicando a senhora Floracy sobre os objetivos da arrecadação, a eles é informado “pela auxiliar de áudio da entrevista”, que a professora está sendo entrevistada e pede a eles que retornem minutos depois).

**W:** Vou repetir a pergunta principal: A senhora reconhece que desenvolveu um papel social e político importante para a educação no município de Paranã?

**F:** Reconheço e fiz o máximo que eu pude fazer, mas, infelizmente, eu acho que você já deve ter sentido no ambiente, que a política aqui é destrutiva, ela não dá sustentação, principalmente no campo da educação. Para você ter um exemplo, tinha o setor da CENEG que tomava conta dessa escola aí, dos colégios, recebia as verbas e tudo, mas, aconteceu que

foi entrando a falta de verbas, falta de dinheiro, então era necessário que a gente optasse por outra coisa. Nessa época eu tinha saído da prefeitura e me colocaram como presidente do setor da CENEG pra reativar o problema do colégio, e eu, convidei as famílias, foi em peso! Lá para aquele colégio de lá, e expus a eles que essa reunião nossa ali era porque eu estava sonhando em criar aqui em Paranã uma escola de magistério, que tinha necessidade, sabe por quê? Porque as professoras aqui não conheciam nada de magistério, nada, nada, nada! Então, eu fui a Goiânia, naquela época, Irapuan, era o Governador, aí falei com ele. Duas coisas pedi pra ele: que ele ajudasse a criar uma escola de magistério aqui, contei pra ele a história da CENEG, falei o que estava precisando, também pedi para ele que ajudasse a gente aqui, que a gente aqui vivia num mundo isolado e que nós precisava de um banco por menor que fosse, que ele nos ajudasse a criar o Banco do Estado de Goiás. Ele prontamente me atendeu! Mas, acontece que, como estou lhe falando, a política aqui não é uma política de serviços sociais não! Ela é uma política de destruir, é uma política que só funciona um grupinho do tamanho dessa folha de papel aqui, olha lá se for se não for não adianta. Se, ela, você e eu fizermos parte e aceitarmos as condições dos “outros”, aí sim, você é apoiado, é elogiado, mas se não, você vai a “descidas negras”, e foi isso que aconteceu. Criei a Escola do magistério, a Escola chamava Ouvidor Teotônio Segurado, o nome do fundador daqui, mas, “a política” entrou no meio e acabou com tudo! Acabou tudo!

**W:** No caso da Educação do Campo, antiga Educação Rural, você observa avanço ou retrocesso na oferta dessa modalidade educacional em Paranã?

**F:** Está havendo uma, como eu falei, está havendo uma queda, um desleixo, não é mais aquilo não, Paranã perdeu demais! E a gente tem que lutar para levantar isso, para erguer a cabeça porque não pode continuar assim, Paranã já deu tantos filhos ilustres, tantos médicos, advogados, juízes, ministros.

**W:** Você tem até um ministro filho aqui de Paranã?

**F:** Tenho. Bem aqui de Palmeirópolis, ministro no Ministério do Trabalho, ele chama é... esqueci o nome do menino meu Deus. E eu passei o maior susto lá em Goiânia, cheguei lá e estou lá sentada conversando e esta pessoa chegou e me pegou assim, segurando os dois braços meus assim, aí eu assustei e ele falou: -- Oh professora! Eu olhei assim e falei, uai, mas era um homem já da cabeça branca, branca, branca, aí eu falei: meu senhor está falando com quem? Ele disse: professora, a senhora não conhece mais seu aluno? Aí lembrei o nome dele, e falei: você é o meu aluno fulano de tal Moura Barros? Aí respondeu: sou sim. Eu perguntei: menino você está fazendo o que aqui? Estou no Ministério do Trabalho, sou desembargador do Ministério do Trabalho. Vou falar para você! Quase que ele me acabava, (risos). Ele me

abraçava daqui, me abraçava dali, e eu já estava apertada demais com aquilo, e daí veio uma mulher de lá para cá também, uma secretária, e ele falou assim: (esqueci o nome do menino) essa mulher me ensinou a ser gente! Está vendo? Se eu hoje sou o que eu sou agradeço esta mulher! Aí ela não fez mais nada não, foi bicota também, beijo para aqui, beijo para ali, falei e agora... (risos). Mas, que é gostoso! São gratificantes, essas cenas! Saber que você fez de coração e que você está recebendo a homenagem daquilo que você se doou, porque o professor doa a ele mesmo, doa o coração, doa a física, doa a família, ele se esquece de tudo. Pois eu tenho ministro! Desembargador lá no Ministério do Trabalho! (Se emociona).

**W:** O que levou uma professora se tornar prefeita de Paranã?

**F:** (Risos) Você sabe por que foi?

**W:** Por quê?

**F:** Destino! Estrada da vida! Não tem uma música de Milionário e José Rico dizendo “nesta longa estrada da vida”, pois é. Mas, o negócio da Prefeitura foi uma coisa que eu nem pensei, nem sonhei, nunca idealizei, me pegaram assim e disseram: você agora é candidata, logo eu disse: faça de mim o que quiser, mas desta fase eu não tenho lembranças boas não.

**W:** A senhora foi prefeita por duas vezes?

**F:** Não! Só uma, de 74 a 78. Essa última fase de minha vida, de administradora eu não gostei não. Não gostei sabe por quê? Porque o espírito do político cresceu demais, o olho grande cresceu, e por saberem que eu era mulher, então todo mundo queria me passar uma “pernada”, era onde não dava certo comigo e eu terminei correndo com os companheiros, eles me alegando que tinham me botado lá. E eu dizia: vocês me botaram aqui para fazer coisas erradas, mas eu não vou fazer e pronto!

**W:** Porque era o nome da senhora que estava em jogo né?

**F:** Era, era meu nome que estava em jogo. Não! Mas, saí bem graças a Deus, consegui fazer ainda muita coisa, acolá em cima deixei uma casa para recolher idosos, doentes. Arrumei uma associação para aqui também que beneficiava o povo carente, dando as coisas, tratamento, dava tudo, mas, o arremate de lá eu não gostei não. Queriam uma coisa e eu pensava outra.

**W:** E a Escola Floracy, como que começou a ideia do colégio e de onde partiu a homenagem ao nome da senhora?

**F:** A homenagem foi da Câmara, que veio em vida e que eu não gostei. Lá onde é o colégio, lá era uma extensa área de matagal, a mata começava bem dali do cemitério e ia até lá em cima, quase chegando lá na outra ponte, mas, matagal mesmo, então como as escolas foram crescendo e os povos do sertão estavam vindo para cá, mas não tinham lugar onde ficar, empilhavam as casas dos moradores de meninos, de rapazes e de moças que vinham do sertão,



e a gente não podia falar não. Tinha que receber para ajudar. Aí um dia eu pensando falei: mas não é possível! Tem que dar um jeito! Aí chamei o Conselho lá da prefeitura, porque eu tinha um grupo de Conselheiros, e falei que eu estava pensando em mandar desmatar aquilo lá e cortar os lotes para doar para quem não pudessem, os que não pudessem a prefeitura doaria e quem pudesse compraria, mas, todos com a obrigação de construir rapidamente. Mas menino, essa minha ideia “pegou fogo”. O povo aceitou demais! Mas e agora? Aqui não tinha um trator, não tinha um agrimensor, não tinha nada disso aqui não. Mandeí buscar em Porangatu/GO.

**W:** A senhora era a prefeita nessa época?

**F:** Sim. Prefeita! Aí mandei desmatar tudo e teve outra coisa que eu fiz também porque aqui tinha o problema da lenha, não tinha gás, era uma agonia terrível! Aí mandei cortar, falei com os trabalhadores que picotassem as madeiras tudinho, fazer lenha e quem fosse lá que mandassem apanhar e ir carregando. Mas foi lenha demais! Carregaram lenha demais! Depois disso mandei fazer o aviso que a prefeitura ia doar o lote, mas com a condição que quem quisesse o lote, deveria apresentar o atestado de pobreza, constando que não tinha condições de ter uma casa aqui, a necessidade que tinha de educar os filhos aqui e que a responsabilidade de construir uma casa rápido, não poderia ficar lá o terreno vazio não. Mas foi num instante, desmatou tudo, loteou, e a prefeitura botou o aviso: quem quer fazer casa, está doando os lotes, mas com esta condição, assim, assim, assim e assim. Mas foi num instante.

Num instante estava tudo pronto. Aí quando eu saí... Mas também não liguei mais para isto não! Fui lá e disse: aqui o outro que assumir já tem meio caminho andado! Passou dois anos, estou aqui em casa e me chamaram no portão aqui, eu disse: O que é? Disseram: estão convidando a senhora lá na Câmara. Eu disse: na Câmara? Mas eu não deixei dívidas lá, o que querem? Aí fui lá, chegando lá, a Câmara tinha aprovado, porque tinham criado o Colégio lá e mandaram os vereadores escolher o nome, aí disseram, não, o nome aqui é Professora Floracy, e por castigo da mãe Júri, quase tudo era aluno (risos), aí vocês acreditam? Eu não sei se a minha cara ficou bonita não, mas, que eu chorei lá no meio de gente, eu chorei!

**W:** Muito bom!

**F:** E assim saiu o nome. E agora, o povo chega aqui e fala assim, tia Flora a senhora não tem jeito de arrumar uma vaga para eu trabalhar lá no colégio da senhora não? Eu digo, não, essa tarefa aí minha já passou há muito tempo (risos).

**W:** Que bom! Muito bom! Tem algum aspecto, outro ponto que a senhora gostaria de deixar registrado nesse diálogo?

**F:** Não, só duas linhas, espera, me deixa coordenar minha frase... (risos).

**W:** Pode ficar à vontade!

**F:** Para mim, a coisa mais importante e gratificante foi esse encontro nosso aqui, hoje, agora, porque eu estou vendo em cada um de vocês o amor pela luta, pela educação, em busca de melhores coisas nesse Brasil tão defasado, tão marginalizado, mas, ainda tem pessoas de bem, pessoas de espírito grande, de coração grande, que cabe muita coisa e quer fazer muita coisa, então meus parabéns e muito obrigada!

**W:** A senhora sabe que é uma lenda viva da História da Educação dentro de Paranã. A Senhora tem noção disso?

**F:** Tem gente que me fala, mas eu não ligo para isso não! (risos).

**W:** A senhora está com quantos anos hoje?

**F:** Oitenta e cinco.

**W:** Oitenta e cinco anos! A senhora começou lecionar com quantos anos?

**F:** Dezenove.

**W:** A senhora se aposentou dando aulas?

**F:** Dando aulas!

**W:** Se a senhora tivesse como nascer de novo, a senhora escolheria ser o que?

**F:** Professora!

**W:** Muito obrigado pela entrevista da senhora, foi um prazer pra nós ouvir sua história!

**F:** Eu que agradeço a você.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DA NARRATIVA

Iniciamos esta análise sobre a história de vida da Professora Floracy, traçando um olhar semelhante ao defendido por Moita (2007) no quesito de não estruturar muito as hipóteses para o nosso estudo, pois o foco do estudo é a história de vida da professora em âmbito pessoal quanto profissional, marcada pela sua singularidade e pluralidade de vivências sociais. Para tanto, o processo da análise da narrativa<sup>2</sup> foi organizado em eixos temáticos em correspondência aos dados produzidos no estudo.

### Perfil pessoal

A professora Floracy nasceu no dia 3 de dezembro de 1933, na Cidade de Paranã-TO. Filha de João e Ana Bezerra. Seu pai foi fazendeiro e a mãe inicialmente atuou nos trabalhos domésticos, posteriormente no cargo de professora nas escolas do campo. A colaboradora é filha de uma família de seis filhos, criada na simplicidade da zona rural, ela e seus irmãos, frequentaram a escola e sempre tiveram incentivos dos pais para estudarem.

Ao narrar sobre sua infância e seu pai, é possível analisar que a professora se orgulha da dedicação e incentivo do pai na valorização dos estudos dos filhos. Ela afirma no estudo que tiveram uma infância feliz com um pai forte e lutador, que investia na instrução dos filhos, inclusive pagando um professor particular e criando uma sala de aula na sua fazenda para que os filhos fossem alfabetizados.

*Na infância nós tivemos uma vida de rei e de rainha! Porque o pai vivia exclusivamente para nós. Tinha uma certa condição financeira! [...] meu pai sonhava muito alto. Naquela época aqui não tinha escola bem preparada para alfabetizar, para dar uma educação mais ou menos a altura daquela época, então, ele sonhava demais, que todos nós alcançássemos, tivéssemos, curso superior na vida (Professora Floracy).*

No entanto, infelizmente esse sonho foi interrompido por uma doença inesperada e o falecimento do seu pai, aos 41 anos de idade. Nesse momento, a mãe da professora se viu sozinha e com a responsabilidade de administrar os negócios e cuidar dos seus seis filhos. Em nosso diálogo, a professora emocionou ao rememorar o esforço e dedicação tanto do pai,

---

<sup>2</sup> Os trechos narrativos da entrevista da professora colaboradora no estudo foram destacados por itálico.

quanto da sua mãe, principalmente o papel exercido pela sua mãe na administração da casa e na formação dos filhos.

### **Trajetória Escolar**

Floracy nos relatou que foi alfabetizada em Paranã, nas chamadas Escolas Isoladas, com dois professores da cidade de Porto Nacional -TO, os quais alfabetizavam as crianças de Paranã, sob um regime de um “estilo tradicional” de ensino, como podemos analisar no excerto da entrevista a seguir:

*Eu fui pra escola aos sete anos de idade, essas escolas, eram as chamadas escolas isoladas, então criavam só um núcleo de alfabetização que tinha só uma professora para o sexo feminino e um professor para o sexo masculino. Então, a professora que me alfabetizou se chamava Justina Braga Leite, ela era de Porto Nacional e o outro que alfabetizou os homens daqui, a maioria desses homens mais de idade, se chamava Estevão Luiz Mendes da Neves, também era um homem muito culto, muito preparado, de uma didática assim, (hoje eu digo didática, naquela época nem entendia o que era didática, o que era metodologia), a didática e a metodologia da época baseavam sabem em que? Palmatória!(Professora Floracy)*

A colaboradora afirma que realizou do primeiro até o terceiro ano do fundamental da Educação Básica na chamada Escola Isolada e, posteriormente, na época do governo do Dr. Pedro Ludovico Teixeira, criou na cidade o primeiro Grupo Escolar. “E logo, aqui criou na época do governador Dr. Pedro Ludovico Teixeira, o grupo escolar. Aí já mudou, aumentou a frequência, já vinham rapazes, moças, mocinhas de outras cidades para estudar aqui.” (Professora Floracy). Foi no Grupo Escolar que ela estudou o quarto e quinto ano, concluindo o Ensino Fundamental I (Antigo Curso Primário), na primeira turma do Grupo Escolar, fato também apresentado na literatura pesquisada:

A primeira turma a concluir o Curso Primário, em meio à animada festa e trajes a rigor foi composta pelos alunos: Altino Bezerra Teles, Edson Luiz de Freitas, Ely da Silva Guedes, Emy da Silva Guedes, Floracy B. Pereira da Costa (grifo nosso), João Adão Alves, Joana Mendes Cardia, Josina Luiz de Freitas e Manoel Francisco Romano (BEZERRA, 2005, p. 200).

Pela pesquisa, foi possível observar que no período de (1948), o maior nível de ensino oferecido no município de Paranã foi o Curso Primário (Ensino Fundamental I), assim,

cursar o Ginásio (Ensino Fundamental II), foi algo restrito a uma pequena parcela da população, principalmente aquela tivesse oportunidade de encaminhar os filhos para morar em cidades maiores, ou na maioria das vezes, os que tinham um poder aquisitivo financeiro suficiente para manter o internato dos filhos na cidade de Porto Nacional, especialmente no Colégio Sagrado Coração de Jesus, das Irmãs Dominicanas.

Bezerra (2005) descreve em sua obra *Paranatinga* que os pais enviavam os filhos de canoa a motor, por via fluvial, outras vezes, faziam o trajeto a cavalo, via Natividade, gastando de 5 a 6 dias de viagem no percurso ou então poderiam fazer a viagem nos aviões da Força Aérea Brasileira (FAB). Como, o pai na nossa pesquisada foi um homem que prezava pela boa formação educacional dos filhos, após algum tempo que ela concluiu o Primário, ele se organizou e matriculou sua filha na escola das Irmãs Dominicanas de Porto Nacional para cursar o antigo Ginásio (Ensino Fundamental II).

Sobre essa viagem, encontramos na obra de Bezerra (2005) um trecho no qual a professora relata que sua primeira viagem a Porto Nacional foi feita em um avião comercial da companhia TCA, acompanhada pelo professor João que ao chegar a Porto Nacional a entregou a Pedrinho (primo de sua mãe), o qual cuidou da parte burocrática de realizar seu internato na escola.

*Eu tive que parar de estudar com a morte de meu pai, minha mãe não teve condições para sustentar o meu internato, porque era pago, semestralmente tinha que mandar uma determinada quantia e com a falta de meu pai, minha mãe não tinha mais condições. Então eu tive que parar! Eu tive que parar e vim embora pra cá porque ela ficou desorientada com a morte inesperada do meu pai (Professora Floracy)*

Nesse sentido, a trajetória escolar da professora é marcada pelos momentos de realizações e perdas. Nota-se que o incentivo do pai pela sua formação foi um fato presente ao longo da sua narrativa, além disso, os desafios vivenciados quando seu pai faleceu ainda jovem.

### **Trajetória acadêmica e profissional**

Ao falar da trajetória acadêmica e profissional da professora colaboradora, dialogamos com Nóvoa (2007) e Huberman (2007). Nóvoa questiona: o que nos leva a ser professor? Concomitantemente que Huberman (2007) destaca que ser professor é um processo, que ser professor não ocorre assim do nada, mas, sim, das escolhas e de como

vamos desenvolvendo a carreira docente. Nesse diálogo com os dois autores, vamos parar e refletir no dilema da professora, que aos dezoito anos, tem que novamente deixar a escola, ainda sem concluir o Ensino Fundamental II, tendo agora que “lançar mão do trabalho”, como ela mesmo diz em um momento da entrevista, além de ajudar sua mãe no sustento dos irmãos menores.

*Então eu tive que parar de estudar! E parar e fazer o que? Lançar mão do trabalho né! Procurar trabalhar! O primeiro emprego meu, eu me empreguei como balconista numa casa de comércio, daí eu fui galgando, as pessoas foram me conhecendo, foram confiando em mim, daí eu saí pra outra cidade. Fui pra cidade de Peixe, lá eu arrumei uma cadeira no Estado, como regente de classe naquela época (Professora Floracy).*

Pelo trecho e pensando na pergunta de Nóvoa (2007) referenciada, podemos inferir o que levou Floracy inicialmente a ser professora, foi a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento dos irmãos, além da sua dedicação no que fazia. Esse fato a fez ir ganhando credibilidade “galgando”, como ela narra na entrevista, abrindo-lhe oportunidades para atuação na docência na cidade de Peixe/TO, (mesmo sem ter concluído o ciclo ginásial), que na época, por volta de 1950, já equivalia ao magistério, conforme vemos a seguir:

No que se refere ao ensino normal, com a aprovação em âmbito nacional do decreto-lei n. 8.530, de 2 de janeiro de 1946, conhecido como Lei Orgânica do Ensino Normal (Brasil, 1946). Na nova estrutura, o curso normal, em simetria com os demais cursos de nível secundário, foi dividido em dois ciclos: o primeiro correspondia ao ciclo ginásial do curso secundário e tinha duração de quatro anos. Seu objetivo era formar regentes do ensino primário e funcionária em Escolas Normais regionais (SAVIANI, 2009, p. 146).

A Floracy tornou professora regente das chamadas Escolas Normais, sem nem mesmo ter concluído a etapa mínima de ensino exigida na época, “*mas, estudar na escola... Preparar não! Era só assim, pegava os livros que eu sabia, que eu via, por exemplo: livro de didática, livro de história, essas coisas. Eu tinha sede de conhecer e saber as coisas!*” (Professora Floracy).

Se nos reportarmos a esse período com outras pessoas, veremos que a docência sem ter concluído o ciclo de formação correspondente não era realidade só da professora, narrado do nosso estudo, nem tampouco só de Peixe ou Paranã. Isso é um fato recorrente na época em cidades geograficamente isoladas devido à falta de profissionais com formação

correspondente nesses lugares. Entretanto, o diferencial de Floracy foi exatamente o que é defendido por Huberman (2007), no início dessa seção quando ele afirma que ser professor não ocorre assim do nada, mas sim, das escolhas e de como vamos desenvolvendo a carreira docente. Ao receber a oportunidade da docência, Floracy “abraçou” a profissão como “missão”, e mesmo sem ter chances de continuar os estudos formalmente, ela exercia a docência nas séries iniciais da época, buscando o conhecimento, como narrado por ela no excerto:

*Eu tinha sede de conhecer e saber as coisas! Isso me valeu demais, sabe por quê? Porque com o tempo Paranã estagnou, ficou o tempo parado só nisso aí, então veio a necessidade de criar uma outra situação, um núcleo de ensino diferente, que oferecesse condição ao rapaz e a moça que saísse daqui. Então criou-se aqui o Ginásio Professor Estevão Neves sobre a responsabilidade da CENEG. (Professora Floracy)*

O interesse da professora de sempre buscar novos conhecimentos, abriu-lhe para novas experiências profissionais, além da oportunidade de voltar para município Paranã. Com a implantação do colégio patrocinado e administrado pela CENEG, durante o mandato do Coronel Antônio como Deputado, surgiu a necessidade de professores para lecionarem nas turmas do Ginásio e não tinha profissionais com formação mínima exigida em número suficiente. Como a professora possuía experiência na regência de sala em turmas do primário, foi convidada a compor o corpo docente do Curso Ginásial implantado em Paranã. Ao retornar para Paranã e se tornar professora do Ginásio, veio-lhe a necessidade e oportunidade de se capacitar.

*Coronel Antônio Pereira pegava a gente aqui em Paranã e levava pra Goiânia em Janeiro, e lá nos passávamos, janeiro, fevereiro, março e abril (quatro meses), fazendo sabe o que? Capacitações! Eu fiz quatro anos de capacitação na Faculdade de Filosofia (Católica hoje), isso me valeu demais! Eu fiz e saí de lá como se eu fosse uma “coisa” muito importante, que eu tinha feito um estudo muito avançado, e me valeu muito porque até hoje eu ainda usufruo daquilo que aprendi naquela época (Professora Floracy)*

Esse excerto da narrativa foi emocionante ao notar nos olhos da professora durante a pesquisa de campo, sua alegria em relação à oportunidade de buscar novas formações continuadas. Embora, as capacitações tenham sido uma vitória na vida da professora, não foi

tarefa fácil cursá-las. Ela nos relatou que na época era casada, e tinha que deixar os filhos pequenos, sob os cuidados de seu esposo para se dedicar a sua formação.

*Era um pouco puxado, por exemplo, eu já era mãe de família, tinha que deixar os filhos pequenos só sob os cuidados do meu esposo e ia pra lá e passava quatro meses, teve vezes de passar lá até cinco meses em Goiânia fazendo esta capacitação. (Professora Floracy)*

Ainda sobre as formações que participou, ela nos contou que era facultado ao professor em formação escolher a área em que gostaria de se especializar, como ela gostava e gosta da natureza e a vida no sertão, buscou formações docentes com esse perfil pedagógico, e ainda, nos confidenciou que era amante dos livros de Geografia. Nesse percurso, desde seu retorno para Paranã, ela se destacou como professora e uma mulher forte, isso lhe fez ser figura de destaque social, tanto na escola que trabalhava, quanto para a região, talvez por esse motivo, surgiu a oportunidade de exercer o cargo de prefeita no município de Paranã,

*Precisavam de um candidato, e, eu não sei porque o próprio partido não procurou ninguém, e me pegaram e me jogaram assim: “Você vai ser a candidata!” Candidata única, falei, “opa, vou ser a candidata única”, graças a Deus não passei vergonha, pelo contrário, eu achei um lugar que eu pudesse “passar o braço e segurar”, eu olhei lá na frente e falei, aqui será a vez que eu posso me encontrar com Presidente de República, eu posso me encontrar com o governador do Estado, eu posso ir mais além e na minha linguagem de sertaneja mesmo falar o que for preciso. E isto aconteceu. (Professora Floracy)*

Neste período, no cargo da prefeitura de Paranã, ela em meios a seminários e encontros conseguiu concluir o Ensino Médio. Ao pesquisar profundamente o passado da professora Floracy como mulher pública e administradora, Bezerra (2005) faz menção sobre ela como uma administradora dinâmica que deixou para Paranã obras de destaque como:

a) implantou o distrito da SUCAM destinado ao Combate intensivo da Malária; b) contratou primeiro médico e o primeiro dentista com domicílio fixo na cidade; c) adquiriu uma Montoniveladora, construiu várias pontes, recuperando outras, assim como bueiros e mata-burros; d) promoveu o primeiro encontro de pecuaristas com o pessoal técnico da Secretaria da Agricultura; e) obteve junto ao Governador do Estado a carta patente para a instalação do Banco do Estado de Goiás – BEG, na cidade; f) promoveu a ampliação das escolas no Município (BEZERRA, 2005, p. 65).



Após concluir seu mandato, Floracy retornou à docência, profissão em que exercia com “amor”, e segundo o que percebemos em nossos diálogos, sem se espelhar na prática de ensino dos seus antigos professores, pois quando questionamos ela sobre memórias positivas e negativas que possuía de seus mestres, ela nos respondeu:

*Olha! Deus perdoe os pecados deles! Naquela época era o seguinte, tinha um “pedagogo”. Então, segundo a didática dele, (menino eu fiquei horrorizada), ele dizia assim que o uso da palmatória não era inadequado e nem prejudicial, que a letra com sangue no rodapé dizia que “a letra com sangue entra”, meu Deus do céu! Eu fiquei horrorizada! Essa memória que eu guardo é triste! (Professora Floracy)*

Ainda sobre seus professores e as práticas pedagógicas, ela nos relata que naquela época, faltava tudo, desde o essencial,

*A falta de incentivo, a falta de material, a falta daquela evidencia daquilo que a gente estava sonhando em aprender e não aprendia porque o material do campo não dava para você aprender, a gente aprendia era como se diz “pescando aqui e acolá”. Eu mesma, tenho uma estante de livros, que fui adquirindo para estudar. (Professora Floracy)*

Essa prática da mulher Floracy em “pescar o saber” nos livros, nos traz a compreensão de Tardif (2002, p. 115) “[...] um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e orienta [...]”, e essa sua orientação em buscar o saber, foi responsável pelo diferencial dela como professora, uma professora que nem concluíra o Ensino Médio, mas possuía conhecimento, apresentava uma bagagem intelectual ao nível dos professores com cursos de graduação.

*Era porque eu ia comprando livros e colocando lá, isso me valeu demais, muito, muito, muito. Quando eles arrumaram o colégio ali, olha, como eu fui bem vista, modéstia parte, como eu fui agraciada pelo meu trabalho, pela minha disposição, mas não é, é porque eu já vinha de uma estrada muito vivida, muito sofrida, a necessidade da aprendizagem, que a cultura nossa aqui era que ninguém sabia nada. (Professora Floracy)*

A vontade de saber/ensinar da professora vai ao encontro das ideias defendidas por Huberman (2007, p. 40) “[...] as pessoas passam a serem professores, quer aos seus olhos,

quer aos olhos dos outros [...]”. Com base nessa afirmação de Huberman e ainda em diálogo com os relatos da professora, “toda vida eu sonhava ser professora, você sabe de uma coisa, gostar de criança eu gosto demais, ensinar então!”. Nesse sentido, é possível notar que se tornar professor é um processo inicialmente pessoal, (ela tinha um sonho de ser professora, uma família que a incentivava a estudar), com isso aprendeu a valorizar o conhecimento, posteriormente, o processo de ser professora torna-se social, pois ela viu a oportunidade e necessidade de ensinar as outras pessoas, para isso buscava mais conhecimento para fazer o diferencial como docente, diferentemente de seus professores da infância, que ela afirma que não lhe serviram de referencial para se tornar professora *“Não, não serviu não! Naquela época era só na palmatória!”*.

Um dos elementos que nos chamam a atenção na narrativa da Floracy é quanto a sua formação, ela nos afirma que não fez curso superior nem magistério, que seu conhecimento foi sendo construído pela experiência, por suas buscas pessoais e por meio de curso de capacitações. Pela narrativa da professora colaboradora, percebemos que a experiência auxilia no processo de ser professor, porque mesmo sem ela ter feito algum curso técnico ou superior na área do magistério, ela possuía habilidade em ensinar e buscava se aperfeiçoar nas capacitações, ideias que podem ser apreendidas na afirmação de Tardif (2002, p. 119).

[...] Se assumirmos o postulado de que os professores são atores competentes, sujeitos ativos, isso significa que a prática deles não é somente um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria, mas também um espaço de produção de saberes específicos oriundos dessa mesma prática [...].

Neste sentido, pensando na prática da professora e nas suas oportunidades (ou a falta delas) de formação superior, notamos que as políticas públicas da época não oportunizavam condições como as oferecidas atualmente para o professor se formar, isso ficou bem evidente ao lhe questionar sobre o que teria dificultado sua formação superior.

*Essa formação superior fez muita falta! Muita, muita! Sabe porquê? Porque tem os filósofos, daqui, que foram pra São Paulo, para outras cidades grandes aí para estudar, chegavam com o diploma, então, Floracy estava sempre no meio, não sei porquê. Porque eu frequentava as capacitações em Goiânia né, então eles achavam que tinha que tirar uma pontinha de minha orelha e beliscar porque eu estava entrando demais onde eu não devia. Mas entrava! Entrava e como eu me saía bem! Modéstias a parte. (Professora Floracy).*

As formações das quais ela participou lhe desperta as melhores lembranças, como vemos a seguir: *“Tudo que passei nessas capacitações eu lembro como mais doces das lembranças, o maior agradecimento que eu rendo a Deus viu, porque me favoreceu muita coisa, me ensinou muita coisa, sou agradecida a Deus”*. (Professora Floracy). Essas lembranças despertadas na professora nos remete a Bosi (1979) quando apresenta a seguinte reflexão:

[...] Quanto mais a memória revive o trabalho que se fez com paixão, tanto mais se empenha o memorialista em transmitir ao confidente os segredos do ofício [...]. Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) à outra geração um valor [...] A memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia. (BOSI, 1979, p. 399)

Por partilhar dessa mesma acepção de Bosi e acreditar que a memória é ponto crucial para apresentar as proximidades e identidades que o professor utiliza no decorrer da docência, oriundas do processo de sua formação, nos reportamos a narrativa da professora no tocante as práticas pedagógicas desenvolvidas por seus professores das capacitações, em que registra algumas lembranças:

*Olha, era como uma sementeira, lançavam, agora a gente tinha que estar preparado para colher estas sementes, guarda-las e utilizá-las nos momentos precisos, em que precisasse provar que a gente estava mesmo preparado para aquilo. Essas práticas, essas técnicas, a técnica da educação, do ensino, quando bem estruturada, quando bem compreendida, quando amada, porque professor tem que amar a profissão dele, então, dá pra gente muita coisa que a gente não consegue esquecer nunca*. (Professora Floracy).

Nessa perspectiva, a prática da professora Floracy foi baseada em sua vivência, na sua experiência, o que ela acreditava e o que trazia de conhecimento teóricos de suas formações em conjunto com seu dinamismo de inovar com coragem e empenho, mesmo em um tempo e lugar ainda bastante retrógrado em metodologias. Neste mesmo sentido, indagamos a professora como eram planejadas suas aulas, se seguia uma vertente mais tradicional ou buscava novas metodologias, e obtivemos a seguinte resposta: *“Buscava tudo, onde dissesse que tinha uma coisa que era novidade, que era preciso mostrar, eu estava prontinha, pegada! Meu negócio era mostrar que estava fazendo!”* (Professora Floracy). Notamos que a professora, possui uma valorização imensurável pela docência, na mesma

direção, ao questionarmos sobre o que significou que ela atribuía sobre o ser professora, sua resposta foi narrada em meio a lágrimas de felicidade e orgulho:

*A vida toda! Tudo! Tudo! Tudo da minha vida foi isso aí! Com toda sinceridade, toda sinceridade mesmo! Vou te falar uma coisa para vocês! Não vou chamar de meus colegas porque vocês podem ser meus filhos. Eu sou apaixonada pela sala de aula! Embora eu saiba que é mal remunerado, é mal vista, é mal compreendida viu, é uma classe desprezada. Mas, eu sou apaixonada pela sala de aula, vou fazer igual Tiradentes: Mil vidas eu tivesse, mil vidas eu tornava a ser professora, pra tornar a ensinar.*  
(Professora Floracy)

Ao ouvir, transcrever e textualizar a história de vida da professora à luz de sua força de vontade de vencer foi possível analisar como foi construída sua trajetória de vida e profissional e isso nos faz lembrar o que enfatiza Queiroz (1988, p. 20) quando assegura que a história de vida, por sua vez, se define como: “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu.” A reflexão de Queiroz referenciada ficou clara em nosso diálogo com a professora, pois dialogamos durante a pesquisa sobre os vários contextos, até mesmo de assuntos que inicialmente não pareciam ter ligação com o nosso objetivo de pesquisa, mas, que no decorrer da conversa foram encaixando e se fazendo coesos com toda a conjuntura do trabalho.

### **Experiência profissional e as interfaces com a educação no município de Paranã – TO**

Para falar da experiência profissional de Floracy e as interfaces com a educação no município de Paranã, falaremos de pessoas, e se falando em pessoas falaremos de lugar, desse modo torna-se importante nos reportar a Bezerra (2005) que em sua obra retrata a respeito da dificuldade de registros sobre os primórdios da educação em Paranã, afirmando ainda que esses obstáculos são concomitantes com o próprio povo. Assim, ao pesquisar, ao ler e conversar com moradores antigos é possível perceber que o binômio (Educação – Instrução) na cidade, se prendeu a inexistência de meios de transportes e dificuldade de acesso à cidade devido a sua localização entre dois grandes rios (Paraná e Palmas) os quais não tinha pontes, ligados a falta de estradas, problema que perdurou por cerca de um século.

A cidade de Paranã, como referenciado na metodologia do estudo, é um município antigo, grande na extensão territorial, mas pequeno em número populacional. Devido a essa

extensão territorial do município e a dificuldade de locomoção e acesso por estradas, o ingresso em escolas pelo povo dos denominados sertões do município, era praticamente inviável anos atrás, no entanto, “sempre existiram personagens que, como oásis no deserto, saciavam a sede de outros seres ávidos de conhecimentos, famintos de cultura” (BEZERRA, 2005, p. 197). Bezerra (2005) relata que esses que saciavam a sede de conhecimento dos sertanejos, eram homens e mulheres que se dedicavam ao magistério “privado” de meninos e meninas, sendo que as aulas eram ministradas nas próprias residências dos professores, ficando os alunos sujeitos a qualquer serviço da casa.

Assim, as meninas iam com tempo suficiente para lavar louças e varrer a casa da mestra, onde aprendiam a ler e escrever, além das lições de boas maneiras. Nesse ponto, visualizamos na literatura registro sobre os pioneiros da Educação de Paranã, ainda nas chamadas Escolas Isoladas, por volta de 1927:

Mestre Maurino – de Entre Rios – Estado do Pará; Moisés Lino Pereira – Advogado e Farmacêutico – Estudou na Bahia; Aristides Mendes Cardia – natural de Barra Mansa –RJ; José Felício Leão – Mestre Zé Padre – Baiano de Barreiras – Exímio professor de música; Professora Regina da Silva Araújo; José Antônio dos Santos – também era músico; Manoel Avelino Santana – médico da Bahia; Messias Teodoro Machado e Justina Jacinta Braga Leite – de Porto Nacional, chegou em Paranã em 1927 (BEZERRA, 2005, p. 197).

Notamos que tanto nos relatos de Bezerra (2005) em sua obra, quanto nos relatos da professora Floracy, ao rememorar seus professores da alfabetização, que os métodos de ensino que perdurou por muito tempo foram baseados nas sabatinas e palmatórias, além de que os professores que passaram pelo município grande parte profissionais de áreas distintas, ou seja, o povo era carente de conhecimento, todo saber que aparecesse era “*pescado*” (Professora Floracy). O Grupo Escolar Municipal, criado em 1947, no qual Floracy concluiu o Curso Primário (um privilégio de poucos na época), é citado como uma grande conquista em Bezerra (2005, p. 200), “em 1947, foi criado o Grupo Escolar Municipal na administração do prefeito André Rodrigues de Araújo”, o qual segundo a professora Floracy registra:

*Funcionava em quartos de casas alugadas, sem quadros negros, eram aquelas lousas, aquelas pedrinhas que escrevia, só tinha isso. Mais tarde, Euclides Bezerra Gerais, o primeiro prefeito eleito com voto popular. Construiu aquele prédio ali (aponta para prédio da atual Escola Municipal Soldadinho de Jesus), foi o primeiro prédio que foi construído em Paranã para escola. (Professora Floracy)*

Vemos esses acordos e criações dessas escolas do campo como um passo fundamental para de certo modo, dar perspectivas ao povo do campo de Paranã, que possuía uma população predominantemente rural, e que, com a criação das escolas, tiveram oportunidade de se alfabetizar em seu meio, sem precisar se deslocar para ficar em casas de parentes ou conhecidos na cidade. No mesmo sentido, enquanto a criação das escolas rurais representou avanço para o povo do campo, houve também conquistas para os que estavam na cidade, onde o Grupo Escolar de Paranã passou ter sede própria, e a contar também com o Curso Ginásial mais tarde, conforme narrada pela colaboradora na sua entrevista.

Nesse sentido, perguntamos a professora sobre as primeiras instituições escolares narradas e se aquelas era na figura de aluna ou professora, ela nos respondeu que as informações do Grupo Escolar e construção de sua sede são memórias do seu tempo de aluna, pois foi aluna do Grupo Escolar, mas que, “*depois que eu virei professora que eu ampliei meu mundo de ensinar*”. (Professora Floracy). Nesse contexto, indagamos nossa colaboradora como ela percebe sua história de vida, (pessoal e profissional) articulada com o histórico da Educação no Município de Paranã, obtivemos a seguinte afirmação:

*Tem uma ligação perfeita de vitória e de conquista porquê do nada, transformou nisso tudo que estamos vendo hoje, embora um pouco decaída. Paranã está perdendo demais no campo da educação e da cultura. Muito, muito! E eu não calo, eu falo. É tanto que eu tenho um apelido que vocês não vão falar por aí, (risos), aquela mulher lá é linguaruda. Eu falo de tudo! Se está errado não está certo! (Professora Floracy)*

A afirmação da nossa pesquisada, “*E eu não calo, eu falo.*”, é algo forte e faz refletir sobre o papel do professor, em não se calar, sendo crítico e defendendo seu ponto de vista, embora, em alguns momentos ela possa não parecer agradar a maioria, mas entendemos que temos que ser autênticos, e essa autenticidade é que faz a notoriedade da professora Floracy como ícone vivo no sistema de educação de Paranã, conforme temos vivenciando no desenvolvimento do estudo.

Nesse mesmo ponto de análise, indagamos se ela reconhecia o importante papel social e político que ela exerceu para a educação de Paranã, tivemos a seguinte resposta: “*Reconheço! E só não fiz mais porque não teve tempo! Fui professora, prefeita, fui diretora daquele colégio lá umas três vezes*”. Após a professora pesquisada atribuir significados sobre sua história de vida articulada com o contexto educativo de Paranã, lhe propomos falar sobre o tempo em que foi prefeita e sobre sua colaboração na área da educação durante sua gestão,

ao que ela responde com a veracidade: *“Fiz o máximo que eu pude fazer, mas, infelizmente, eu acho que você já deve ter sentido no ambiente, que a política aqui é destrutiva, ela não dá sustentação, principalmente no campo da educação”*.

E ainda nos conta que concluindo seu mandato, ela ficou como presidente do setor da CENEG, em que mesmo com as dificuldades financeiras enfrentadas pelo órgão na época. Notamos na fala da professora uma grande decepção com a ideologia política vigente até nos dias atuais, em que tudo que é voltado para a educação não possui incentivo, como podemos ver a seguir:

*Mas, acontece que, como estou lhe falando, a política aqui não é uma política de serviços sociais não! Ela é uma política de destruir, é uma política que só funciona um grupinho do tamanho dessa folha de papel aqui, olha lá se for, se não for não adianta. Se, ela, você e eu, fizer parte e aceitarmos as “condições dos outros”, aí sim, você é apoiado, é elogiado, mais de cima, mas, se não, você vai a descidas negras, e foi isso que aconteceu. Criei a Escola de magistério né, a Escola chamava Ouvidor Teotônio Segurado, o nome do fundador daqui, mas, a política entrou no meio e acabou com tudo! Acabou tudo! (Professora Floracy)*

Como falamos no início desse tópico, Paranã é uma cidade com maioria da população oriunda de cultura rural, e por isso achamos interessante dialogar com a professora Floracy sobre seu ponto de vista no caso da Educação do Campo, antiga Educação Rural, indagando como ela observava avanço ou retrocesso na oferta dessa modalidade educacional em Paranã, tendo uma resposta carregada de decepção frente às políticas educacionais para as escolas do campo.

*Está havendo uma queda, um desleixo, não é mais aquilo não, Paranã perdeu demais! E a gente tem que lutar para levantar isso, para erguer a cabeça porque não pode continuar assim, Paranã já deu tantos filhos ilustres, tantos médicos, advogados, juízes, ministro. (Professora Floracy).*

Desse modo, sua narrativa nos reporta para a importância do desenvolvimento de políticas educacionais voltadas a Educação do Campo, que atendam o processo formativo do homem do campo, principalmente evitando o êxodo rural. Conforme falamos na justificativa do trabalho na cidade de Paranã, tem uma Escola Municipal recebeu o nome da professora que é homenageada ainda em vida, esse fato nos despertou curiosidades que sanamos durante a entrevista, indagando-a sobre como ocorreu todo esse processo de reconhecimento. Segundo

ela tudo ocorreu devido seu engajamento em defesa do ensino público e valorização da Educação aos camponeses da região, tendo sua homenagem na Câmara Municipal.

*Estão convidando a senhora lá na Câmara. Eu disse: -- Na Câmara? Mas eu não deixei dívidas lá, o que querem? Aí fui lá, chegando lá, a Câmara tinha aprovado, porque tinham criado o Colégio lá e mandaram os vereadores escolher o nome, aí disseram, não, o nome aqui é Professora Floracy, e por castigo da mãe Juri, quase tudo era aluno (risos), aí vocês acreditam? Eu não sei se a minha cara ficou bonita não, mas, que eu chorei lá no meio de gente, eu chorei! (Professora Floracy)*

Fica notório que a narrativa apresentada por Floracy, não é linear (e nem seria nosso objetivo que fosse), sua narrativa, são relatos de momentos variados de sua vida, em que foi solicitada sua memória num processo de compreender sua infância, família, e até mesmo a trajetória profissional, em informações diretas, que nos possibilitou compreender quem era esse sujeito social que narrava e ao falar revivia o vivido. No exercício do reviver, a nossa intenção na pesquisa não foi traçar uma linha do tempo com todos os passos e elementos, mas sim, buscar uma reinterpretação de sua vida e conseqüentemente de sua trajetória como professora, “[...] uma narração é, em grande parte, mais uma reinterpretação do que um relato. É o facto de querer dar um sentido ao passado e de fazê-lo à luz do que se produziu desde então até o presente” (HUBERMAN, 2007, p. 58).

Nesse lembrar da trajetória como docente, ela afirmou que não teve referência de seus professores para seguir na docência, entretanto, podemos afirmar que ela não relatou menções positivas desses professores, mas teve sim referências sobre o ser e estar docente sim, principalmente lembranças negativas como as da palmatória e divisão dos alunos por sexo (sala das meninas e sala dos meninos), prática das quais Floracy discorda. A narrativa da professora nos demonstra um pouco da sua trajetória, que nasceu e se criou no sertão, sendo alfabetizada nas escolas isoladas, que funcionavam em residências familiares.

Desde pequena nossa personagem da pesquisa foi sedenta em buscar conhecimentos e com o incentivo da família, chegou estudar em outra cidade para cursar um nível de escolaridade que não tinha no município na época. Ela ingressou no mercado de trabalho como professora, ainda bastante jovem e por sua atuação exitosa foi “galgando” e se destacando como uma mulher que não se calava no tocante ao que acreditava (nem se cala ainda hoje, em sua narrativa ela é firme e autêntica e é famosa na cidade por fazer críticas pelo modo que a política local trata as causas da educação).



Portanto, chegamos ao final do estudo, com a proposição que a história de vida da professora é articulada com o desenvolvimento educacional de Paranã, quando ela constrói sua trajetória de vida e profissional com determinação, concomitantemente, com o processo educativo do Município que frente ao isolamento geográfico e sua participação ativa na defesa pela educação pública na região. Baseados em suas memórias, podemos assegurar que sua identidade foi sendo estabelecida e “transfigurando” na ação do seu envelhecimento, sendo recuperada pela memória e fazendo da sua trajetória de vida do passado uma parte complementar da sua identidade no tempo presente, tecendo assim sua narrativa como mulher, mãe, amiga, gestora e professora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de construção do estudo atendeu ao nosso objetivo, que foi analisar a história de vida da professora Floracy articulada com o desenvolvimento educacional do município de Paranã. Uma vez que, foi plausível compreender, pelos olhos de quem trilhou uma longa trajetória, revisitar o passado e reconstruir sua história, vivências e experiências, a partir de relações sociais. Notamos assim, que a memória profissional da professora narradora foi intensa, ocupando uma posição significativa nas suas lembranças, o que nos permitiu concluir que em sua vida a docência foi algo forte, que desenhou sua vida e se tornou retrato de sua história, conforme os registros produzidos na pesquisa.

Nesse âmbito, sinalizamos que o trabalho não apresenta conclusões finais, mas sim faz convite a novos estudos e novas reflexões, para que haja continuidade das discussões aqui instigadas com outras professoras, mulheres e docência, bem como estudos com histórias de vida dos professores do sexo masculino. O assunto abordado no estudo abre possibilidades a leituras e diálogo que alargam a visão sobre o ser e estar professor, de modo crítico e participativo, e como a trajetória profissional e pessoal de um professor com essas qualidades estão inter-relacionadas com o desenvolvimento do ambiente onde vive e constrói seus itinerários.

Nesses termos, percebemos no decorrer do desenvolvimento do estudo, como enfatiza Fontoura (2007, p. 193) “à medida que o discurso se desenvolve, as recordações vão emergindo e os acontecimentos vão-se (re)construindo na confrontação de um com o outro [...]”, fato que trouxe reflexões e até mesmo constatações por parte da professora pesquisada, que a cada frase ou tentativa de reorganizar e ordenar sua fala, ela ia compartilhando um pouco da sua vida, da sua história, e ao fazê-lo, ia revivendo esses momentos, fato que configura como instrumento metodológico para compreensão da construção da identidade docente na pesquisa em educação, tendo a memória e trajetória de vida como parte integrante da identidade docente e alternativas/estratégias na formulação e implementação das políticas de formação docente.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BEZERRA, Cleusa S. Benevides. **Paranatinga**. Palmas- TO: Gráfica Pollo, 2005.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo na memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.

BRASIL. **Lei 5.692/71, de 11 de agosto de 1971**. Diário Oficial da União, Brasília, 12 ago. 1971.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Resolução nº 2 de 1 de julho de 2015**. Diário Oficial da União, Brasília, 01 jul. 2015.

BRASIL/MEC/CFE. **Parecer 349/72**. Documenta, n. 137, p. 155173, abr. 1972.

CAVALCANTE, Margarida Jardim. **CEFAM: uma alternativa pedagógica para a formação do professor**. São Paulo: Cortez, 1994.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONTOURA, Maria Madalena. Fico ou vou-me embora? In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 171-197.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In.: NÓVOA, Antonio (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 79-110.

HUBERMAN, Michel. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 31-61.

IBGE. **Brasil –Tocantins – Paranã**. Disponível em:  
> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/parana>>. Acesso em 12 out. 2019.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In.: NÓVOA, Antonio (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p.111-140.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antonio. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote/IIIE, 1997, p.15-33.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In.: NÓVOA, Antonio (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 11-30.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. 2. ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: Do Indizível ao Dizível. In: von Simon, O.M. (Org.). **Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

SILVA, José Maria da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas**. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SOARES, Sebastião Silva. Novos cenários e velhos debates no campo da política de formação de professores no Brasil. **Momento – Diálogos em Educação**, v. 27. N. 2, P 58-75, ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8045>. Acesso em: 04 de janeiro de 2020.

SOARES, Sebastião Silva. **Narrativas de si: trajetórias formativas de professores formadores iniciantes no ensino superior**. 2019. 352 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

## APÊNDICE A

### CARTA DE CESSÃO

Pelo presente documento, eu, \_\_\_\_\_, CPF: \_\_\_\_\_, declaro, ceder ao Trabalho de Conclusão do Curso de Educação do Campo, sob a autoria de Warlen Barbosa Celedonio, supervisionado pelo Prof. Dr. Sebastião Silva Soares, da Universidade Federal do Tocantins, sem quaisquer restrições quanto aos efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador referenciado. O pesquisador fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins educacionais e culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Paraná – TO, 28 de agosto de 2019.

## APÊNDICE B

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### **Perfil pessoal**

1. Qual seu nome completo, ano e local de nascimento?
2. Conte sobre seus pais (nome deles, data e local de nascimento, vida escolar e profissão), compartilhe recordações sobre eles.
3. Quantos irmãos compunham ou compõe sua família? Relate algo que lhe pareça importante sobre alguns deles?
4. Como era o convívio de vocês na infância, adolescência e hoje na vida adulta?

#### **Trajatória escolar**

1. Onde você frequentou as séries iniciais e se alfabetizou e como isso ocorreu?
2. O seu ensino fundamental II foi realizado onde e como?
3. E o Ensino médio onde estudou e como aconteciam as aulas?
4. Quais memórias têm positivas e negativas dos seus professores?
5. O que pode ressaltar das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores na sua educação básica?
6. Alguns deles foi referência para você escolher a docência como profissão?

#### **Trajatória acadêmica ou técnica**

1. A Sra fez algum curso técnico ou superior? Conte sobre eles.

Se sim:

Em que escola/faculdade estudou? Que curso fez? Que recordações têm daquela época?

Se não:

O que dificultou fazer um curso superior?

Sentiu em algum momento da vida falta desta formação?

2. Quais memórias tem positivas e negativas dos seus professores?
3. O que pode ressaltar das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores na sua educação técnica ou superior?

#### **Profissão e desenvolvimento profissional**

1. Como ocorreu seu ingresso no mercado de trabalho como professora? Houve influência da família?
2. No caso da docência, quando e como começou a trabalhar na docência?
3. Quais desafios e possibilidades lembra dos primeiros anos da profissão de professora?

- 3.1. Recebeu algum apoio institucional ou de colegas do começo da profissão?
  4. Como desenvolvia sua prática pedagógica nas turmas que atuou? Tinha alguma referência de ex-professores para construção da sua docência em sala de aula?
  5. Como você percebe a sua relação professor-aluno nesta trajetória profissional? Foi boa? Negativa? Comente.
  6. De que maneira planejava suas aulas? Foram aulas mais expositivas ou buscava outras metodologias de ensino?
  7. O que é ser e estar professora para você nesse percurso profissional?
- Experiências profissional e as interfaces com a educação no município de Paranã
1. Quais memórias tem da educação no município de Paranã? Você lembra como ocorreu e quem participou desse processo emancipação da educação no município?
  2. Você pode relatar experiências sobre as primeiras instituições escolares da cidade? A partir da sua vivência como aluna ou professora?
  3. De que maneira percebe sua história de vida pessoal e profissional articulada com o histórico da educação no município de Paranã?
  4. Você reconhece que desenvolveu um papel social e político importante para a educação no município aqui? Se sim, comente.
  5. No caso da educação do campo antiga educação rural, você observa avanço ou retrocesso da oferta dessa modalidade educacional em Paranã? Comente.
  6. Existe outro ponto ou aspecto que gostaria de registrar neste nosso diálogo?

## APÊNDICE C

Figura 2 - Sarau Literário do Colégio Desembargador



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador/2019.